Revista do Ensino

ORGAM OFFICIAL

DA DIRECTORIA DA INSTRUCÇÃO

ANNO I — Bello Horizonte, — Dezembro de 1925 — N.º 9

SUMMARIO

Ensinando com intelligencia.—A mentira na escola, por Lucio José dos Santos. —Phrases que traçam rumos.—O valor educativo do vocabulario, por Claudio Brandão.—Não se devem matar os passaros.—Agremiações que dão vida e efficiencia ao ensino.—O valor da musica na escola.—Lyra de Gonzaga ao visconde de Barbacena, por Thomaz Brandão.—Contos infantis: O verdadeiro patriotismo.—Qualidades que deve ter uma creança que termina o curso do grupo escolar.—A vida de D. Pedro II é um livro, por Gustavo Penna.—As salas de leitura nos grupos escolares.—Premiando o trabalho dos professores.—Lição a de lingua patria.—A vingança de Anhanya.—As mentiras infantis.—Para dar um fremito de vida ao ambiente escolar.

Ensinando com intelligencia

UM PROCESSO QUE PODE SER SEGUIDO EM TODOS OS GRUPOS E ESCOLAS DO ESTADO

O sr. secretario do Interior, visitando recentemente o grupo Affonso Penna, desta Capital, teve opportunidade de assistir a algumas aulas, em que o ensino é feito pelo chamado processo de dramatização, já adoptado tambem em outras das nossas casas de ensino.

E' um modo interessante e intelligente de leccionar. Os alumnos conversam sobre o assumpto da lição, como se estivessem representando.

Mas isto com uma simplicidade e uma naturalidade encantadoras.

São diversas e magnificas as vantagens deste processo: as aulas tornam-se mais agradaveis; os alumnos na sua unanimidade participam da lição e são obrigados a ter a sua attenção constantemente voltada para o assumpto da aula; melhora-se consideravelmente a dicção do alumno; augmenta-se-lhe o desembaraço e a vivacidade; a disciplina fica sendo absoluta, integral, porque nenhum dos alumnos poderá manter-se distrahido ou inadvertido durante a aula.

O proprio professor leccciona com mais prazer e toda a sala transmitte, no momento, uma impressão muito clara de intelligencia e de vida.

Publicamos a seguir uma destas admiraveis lições, a qual nos foi fornecida pela professora d. Salomé Penna, directora do grupo Affonso Penna:

CLASSE DO QUARTO ANNO

Palestra sobre os pontos «Systemas planetarios», «Phases da Lua» e «Eclypses»:

Tacito — Renato, hontem quando passeava na praça vi cahir uma estrella.

Renato — Isso é cousa muito commum.

Nair — Eu tambem já vi cahir uma estrella e fiquei apavorada.

Darcy Gomes — Que tolice!

Nair — E' facto! Tive medo que ella cahisse sobre a nossa casa e a incendiasse.

Alvaro Freitas — Nebagil, você que é dado a estudos de astronomia, bem podia explicar-nos esse phenomeno.

Nebagil — As estrellas que caem chamam-se estrellas cadentes. Vemos, ás vezes, desprender-se do céo uma estrella e julgamos que vae cahir.

Attila — Mas ella desapparece após uma carreira vertiginosa.

Nebagil — Justamente. Devem ser corpos solidos, pois apparecendo a 120 km. e desapparecendo a 80 km. não poderiam penetrar tão profundamente na atmosphera da Terra, si fossem de natureza gazosa. Dizem que as estrellas cadentes são pedaços ou desaggregações de cometas, mas nenhuma irá incendiar a casa de Nair.

Iruran — Não é verdade que as estrellas cadentes apparecem mais frequentemente nos mezes de Agosto e Novembro?

Nebagil — Sim. Do dia 11 a 13 desses mezes.

Ruy Castro — Os bolides são meteóros luminosos, que vagueiam no espaço e atravessam, ás vezes, a nossa atmosphera...

Odette — E, ás vezes, caem na Terra.

Petronilla — Lá temos no Museu Nacional um bello exemplo — o Bendengó.

Eros — Dizem que cahiu no sertão da Bahia.

Manoel Campos — São massas metallicas...

M. José — Estamos perdendo o tempo com meteóros luminosos.

Gerson — E' verdade.

Adhemar — Falemos do Sol, o centro do systema planetario.

Ruy Lessa — A fonte de movimento, luz, calor...

Adhemar — E vida.

Manoel Campos — Sol, quer dizer, o unico, o astro por excellencia.

Yolanda — Dizem que o Sol executa dois movimentos: o de «rotação», levando vinte e cinco dias a fazer essa viagem, e o de «translação».

Carlos Paladini — Mas esse é pouco perceptivel.

Alvaro Ozorio — Sim. Dizem que fazendo esse movimento, elle se dirige para um ponto do céo traçado pela constellação de Hercules.

Yolanda — A luz do Sol leva cito minutos para chegar á Terra, caminhando setenta e cinco mil leguas por minuto.

Elza — E' interessante. Ouvi dizer que todos os planetas giram em torno do Sol.

Myriam — E os cometas tambem.

Tacito — Os cometas não têm luz propria, não é verdade, Elza?

Elza — E' o Sol que lhes empresta a luz.

Eros — Os planetas são: Mercurio, Venus, Terra, Marte, Jupiter, Saturno, Urano e Neptuno.

Paulo — Ouvi dizer que os planetas têm, como a Terra, os seus satellites.

Manoel Campos — E contam-se mais de quinhentos pequenos planetas ou asteroides apenas entre Marte e Jupiter.

Rita — Que immensidade, Santo Deus!

Gerson — Esses pequenos planetas circulam todos entre Marte e Jupiter.

Petronilla — A palavra «planeta» quer dizer «errante».

Myriam — Sua luz é pallida e suave e bem differente da luz das estrellas.

Luizinha — Ah! essas têm luz propria.

João Truran — E mudam constantemente de brilho e de côr.

Lilie — Parece que pestanejam.

Renato — Cada estrella é um novo sol.

Attila — Estão muito distantes de nós, felizmente.

Alvaro Osorio — Contam-se mais de cem constellações.

Ruy Lessa — Para mim, a mais bella é a do Cruzeiro do Sul.

Decio — Sirius é a mais bella estrella do ceo.

Adhemar — Nebagil gosta muito de observar, á noite, a Via Lactea.

Paladini — A Via Lactea é uma nebulosa.

Tacito — Dizem que são milhares de estrellas e muitas ainda em formação.

Alvaro Ozorio — Ha uma mancha escura na Via Lactea.

Ruy Castro — E a essa mancha escura dão os astronomos o nome de «sacco de carvão».

Elza — Os cometas tambem giram em torno do Sol.

Myriam — Mas descrevendo uma ellipse muito alongada.

M. José — Quando penso que o cometa de 1861 roçou ligeiramente a Terra...

Eros — Com a sua cauda colossal de mais de um milhão de leguas...

M. José — Tenho medo!...

Adhemar — Isso não me preoccupa.

Paladini — Os povos antigos tinham verdadeiro horror aos cometas.

Adhemar — Acreditavam que esses viajantes vinham annunciar grandes desgraças.

Ruy Lessa — Um dos cometas mais celebres é o de Halley.

Octaciano — Ha grande quantidade de cometas no ceo.

Petronilla — Mas nem todos podem ser observados a olhos desarmados.

Nebagil — Os cometas compõem-se de tres partes distinctas: um ponto central e brilhante chamado «nucleo» rodeado de uma aureola vaporosa a «cabelleira» e prolongada por um rastro luminoso a «cauda».

M. José — E' o vestuario de gala com que se adorna este astro para se apresentar ao sol.

Juracy — Elles apparentam grande belleza.

Rita — Mas isto se dá quando estão, mais ou menos, proximos ao sol.

Adhemar — Afastados do Sol, elles perdem esse aspecto brilhante e podem ser comparados a um pedaço de gaze ou a uma pequena nuvem.

Nair — Fizemos um grande passeio pelo ceo.

Yolanda — E' verdade. Travámos conhecimento com grande numero de astros.

Adhemar — Mas, para completar o nosso passeio, vamos falar tambem da Lua, suas phases e dos Eclypses.

Alvaro Freitas — Apesar de se dar á Lua a denominação de «astro da noite», ha noites em que ella não apparece no ceo.

Attila — Você quer dizer que nem sempre está á nossa disposição como um pharol acceso.

Alvaro Freitas — Sim, nessas noites, não a distinguimos porque está em conjuncção com o Sol, isto é, entre este astro e a Terra.

Tacito — Nesses dias a Lua nasce e occulta-se com o Sol.

M. José — Mas pouco a pouco, vemos illuminar-se seu bordo como uma estreita faixa de luz.

Eros — Chama-se esta phase «lua nova».

Elza — Si a Lua se apresentasse sempre com essa forma, ninguem acreditaria que é esphérica.

Gerson — E' exacto.

Paulo — A' medida que vae seguindo o seu curso

Rita — Na quarta ou na quinta noite, após a conjuncção, assemelha-se a uma talhada de melão ou de melancia.

Nair — No setimo dia, temos o quarto crescente.

Odette — Continuando o seu curso, de oeste para leste, vae mostrando-nos, cada vez mais, a sua face illuminada.

Paulo — No decimo quinto dia, temos a lua cheia e, nessa occasião, ella brilha com todo o esplendor.

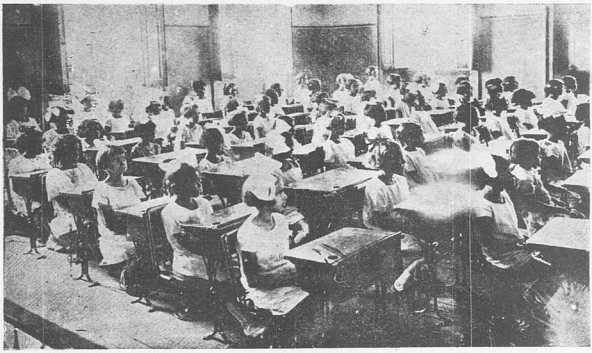
Adhemar — Está em opposição ao sol. Quando elle se deita, ella se levanta.

Ruy Castro — Em seguida, vae, pouco a pouco, diminuindo. E' a minguante.

Yolanda — E desapparece por fim, depois de ter feito uma volta de sua eterna viagem, em torno da Terra.

Renato — Sem ter um segundo de descanço.

Nair — Dura esse passeio circular 29 dias e meio e é o que se chama uma lunação.



Aula das escolas primarias annexas á Escola Normal Modelo

Alvaro Osorio — Dizem que o que vemos na Lua é S. Jorge montado a cavallo.

Paladini — Você acredita nisso ?

Ruy Lessa — Na Lua não pode haver habitantes porque lá não ha atmosphera nem agua.

Ruy Castro — O que observamos na Lua são cratéras de vulcões extinctos e altas montanhas.

Eros — Algumas já foram medidas da Terra.

Gerson — As mais elevadas vão além de sete mil metros.

Manoel Campos — A Lua apresenta tres movimentos reaes :

o movimento sobre si mesma que executa em 27 dias; o movimento de revolução em torno da Terra e em torno do Sol, juntamente com a Terra.

Rita — A Lua é um globo frio, obscuro, que não produz luz e não tem outra claridade senão a que recebe do astro do dia.

Gerson — Seria um astro desconhecido para nós, si a luz do Sol não a illuminasse.

Odette — Falemos agora dos eclipses.

M.ª José — Isso é cousa complicada.

Odette — Não é tal.

Nair — Os eclipses fazem lembrar-nos um jogo ás escondidas onde brincam o Sol, a Lua e a Terra.

Manoel Campos — Que tres ! Si elles se encontram . . . .

M.ª José — Estamos perdidos !

João Irman — Quando a Lua, em seu giro, se colloca entre o Sol e a Terra, não deixa chegar até nós os raios do Sol.

Ruy Castro — A claridade do dia diminue e temos o eclipse do Sol.

Silio — Eclipse quer dizer desapparecimento apparente de um astro pela interposição de outro corpo celeste.

Eros — Quando a Terra passa entre o Sol e a Lua, não deixa chegar á Lua os raios do Sol.

Darcy Aguilar — E nesse caso temos o eclipse da Lua.

João Irman — Os povos antigos, quando presenciavam um eclipse, ficavam aterrorisados.

Rita — E' porque não conheciam a razão desse phenomeno.

Tacito — Os eclipses do Sol e da Lua succedem-se, geralmente, depois de um intervallo de dezoito annos e onze dias.

Ruy Lessa — Mas não são visiveis em todo o globo.

Odette — A 1 de Março de 1504, um eclipse total da Lua salvou Christovão Colombo de morrer de fome na Jamaica.

Os indios revoltados negavam-lhe todo o alimento.

Rita — E' exacto. Mas Colombo que era um grande astronomo e sabia que, naquella noite, haveria um eclipse, ameaçou os selvagens de prival-os, para sempre, da luz desse astro.

Alvaro Osorio — Aos primeiros signaes do eclipse, os indios, tomados de grande medo, prostraram-se aos pés de Colombo, dando-lhe tudo o que exigira.

M.ª José — Falámos durante 10 minutos, demos um grande passeio pelo céo, mas estão certos os pontos «Systemas planetarios», «Phases da Lua» e «Eclipses».

PEDAGOGIA

A MENTIRA NA ESCOLA

Por LUCIO JOSÈ DOS SANTOS

MENTIR é fallar contra o testemunho da sua propria consciencia, com o intuito de enganar.

Mente, pois, o proprio individuo que diz uma verdade, convencido, porem, de que a ella está faltando.

Até que ponto vae a mentira no escola?

Algumas pessoas exaggeram a significação e a importancia da mentira escolar, e vão ao ponto de considerar o ambiente da escola como um dos mais propicios á formação e alimentação desse feio vicio.

O regimem do terror muitas vezes estabelecido pelo professor e, infelizmente, ainda não de todo extirpado das nossas escolas, constitue o factor principal da mentira infantil na escola. Premida pelas circumstancias, apavorada com a perspectiva do castigo, defende-se a criança mentindo

Ora, a repetição continuada da mentira acaba deformando a mentalidade e a tornando de certo modo indifferente em relação á verdade.

E' um facto de observação que as pessoas acostumadas a contar mentiras, mesmo innocentes, por gracejo, por diversão, como alimento de palestra, facilmente acabam numa especie de desorientação em materia de veracidade, não conseguindo mais penetrar nos acontecimentos e apontar o fio da verdade. Começam por não ser acreditados, mesmo nas cousas serias, e, para se fazerem de veridicos, mentem ainda mais.

Entretanto, na escola, não se devem tomar as cousas tanto assim ao tragico.

Vamos examinar o assumpto, valendo-nos do excellente estudo de Forster, já tantas vezes aqui citado. (*)

Ha uma pedagogia que não sabe impedir ou antes fomenta o progresso da mentira infantil, a pedagogia que se basêa numa philosophia abstracta, numa psychologia extranha á vida infantil. De um regimem antinatural só pode proceder a mentira.

Provocada e facilitada a eclosão da mentira, essa pedagogia emprega, para corrigil-a, meios absolutamente inadequados.

A repressão pura e simples da mentira contribue quasi sempre para aggraval-a, tornando-a mais subtil, direi mesmo — mais sabia, e, portanto, mais perigosa.

Na criança, porém, não é a mendacidade necessariamente uma prova de vilania.

Ha tempos, o instituto de psychologia infantil, de Berlim, fez um vasto inquerito sobre o assumpto, conseguindo resultados interessantes.

Ha mentiras que a creança diz, porque está convencida de não ser crida, si exprimir a verdade. Faltou-lhe, pois, a coragem de arrastar a opinião dos outros.

Podem-se classificar as mentiras infantis em *phantasistas, pathologicas, heroicas e egoistas.*

Em geral, a maior parte das mentiras na criança pertencem á primeira categoria. Eis porque, como dissemos, não se deve considerar como muito grave, em geral, a mentira escolar.

A significação cômpleta da veracidade é cousa ainda bastante longe do espirito da criança. Fallando, não está geralmente a criança senão pensando em vóz alta, exteriorisando a sua phantasia. Parece, ás vezes, que a creança está mentindo quando está apenas fallando comsigo mesma, para exercitar-se na arte de fallar.

Não se deve, porém, abandonar completamente a criança nesse caminho, pois facilmente poderá ella viciar-se, embora não seja essa mentira, inicialmente, um symptoma de mau caracter. A correcção é facil, e consistirá em fazer ver á criança o seu equivoco, rectificar-lhe as noções, mostrar os inconvenientes da inexactidão, e sobretudo exercitar a sua attenção. Muitas vezes, a falta á verdade é o resultado da falta de attenção.

Forster cita o caso seguinte: Um professor collocou sobre a sua mesa — uma caneta, um canivete e um pedaço de giz, de modo que, durante a aula, fossem perfeitamente vistos pelos alumnos. Após a aula, retirou esses objectos e interrogou os alumnos sobre o que tinham visto na mesa.

Apenas dous affirmaram ter visto um canivete.

No dia seguinte, nada poz sobre a mesa, e interrogou novamente os alumnos: 26 % tinham visto um canivete, 57 % um pedaço de giz, e 63 % uma caneta. (**)

A mentira pathologica resulta de que a capacidade do individuo de distinguir entre as imagens da sua phantasia e o mundo exterior está doentiamente perturbada.

A mentira phantasista pode, com o abuso, dar na pathologica, acabando o individuo por acreditar nas proprias mentiras.

O assumpto é mais do dominio da pychiatria. A cura da criança na propria escola não é facil, exigindo-se um tratamento especial.

(*) Schule und Character.

(**) Ha dias, publicou o professor dr. Juliano Moreira, n'O Paiz, um estudo interessante sobre a psychologia do testemunho.

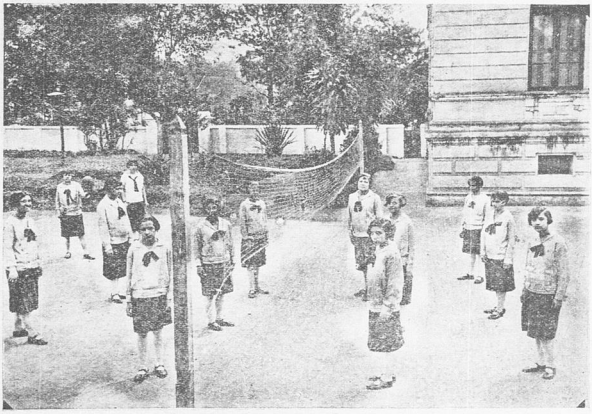
A mentira heroica é a que procede de motivos nobres. Muitas vezes, uma criança mente para encobrir a falta de outra, tomando-a sobre si. Embora seja nobre o motivo, deve-se combater essa mentira, procurando convencer o alumno da absoluta superioridade da exactidão, devendo a verdade ficar acima de tudo.

A confiança que o alumno deve ter em relação a si mesmo e para com o mestre não é incompativel com a obediencia. Tudo depende da capacidade do professor em guiar e orientar os seus alumnos.

Um professor interroga os alumnos, em classe, sobre qual delles commetteu determinada falta. Responde um: «Direi quem foi, com a condição, porém, de não ser elle castigado.»

O professor não poude ficar satisfeito com essa proposta, e interrogou novamente. Responde outro alumno: «Sei de quem se trata, mas peço permissão para não nomeal-o agora, e vou conseguir que elle mesmo se declare». Essa proposta foi applaudida pelo professor e pelos outros alumnos.

Temos finalmente a mentira egoistica, a peior de todas e, infelizmente muito commum. Sobre ella diremos mais tarde.



Dois teams de Volley-Ball— Alumnas do I e II anno da Escola Normal Modelo

PHRASES QUE TRAÇAM RUMOS

ALPHABETO PARA PROFESSORES

A revista americana *Popular Educator* publicou recentemente uma serie de maximas ou de conselhos, em numero egual ao numero de letras do alphabeto.

São phrases especialmente traçadas para professores, e que merecem, portanto, uma transcripção nesta revista:

A—A pessôa educadora deve ter bom coração, coragem serena e vontade inabalavel.

B—Basta, ás vezes, que um menino seja tardo, para ser considerado estupido. E' um erro.

C—Caracter é uma das principaes qualidades para um professor.

D—Devem os professores servir de guia aos alumnos.

E—E' necessario saber que a imaginação das crianças é uma das forças mais aproveitadas na educação.

F—Fazer com que vosso trabalho mostre intelligencia, previdencia vigilante e preparo que não se poupa.

G—Ganhae a confiança de vossos alumnos e conservae-a, merecendo-a.

H—Honras e louvores devem ser dispensados áquelles que o merecerem, pois servem de estimulo.

I—Impõe-se ao professor o dever de applicar a lei da camaradagem entre os alumnos.

J—Julga com acerto quem diz que é tão difficil praticar a medicina sem conhecer o corpo humano, como ensinar sem conhecer as crianças.

K—Kant poz acima de tudo, a lei do dever. Que o professor faça o mesmo.

L—Lealmente, procurae grangear a estima de vossos discipulos e de seus paes.

M—Mutua comprehensão entre o mestre e o alumno, é uma necessidade.

N—Nunca humilheis um discipulo atrazado.

O—O professor que se aproveita de toda a opportunidade, será bem succedido.

P—Propriedades magneticas pessoaes são, afinal de contas, apenas bom senso, trabalho arduo, e conhecimento da natureza humana.

Q—Quem reprehende muito, enfraquece sua autoridade.

R—Recommenda-se que se ensine a ler e a exprimir-se verbalmente ao mesmo tempo.

S—Sempre o canto dá idéa de bom gosto e deve ensinar-se nas escolas.

T—Tratae de conquistar os corações de vossos discipulos, para poderdes, então, dominar-lhes o espirito.

U—Utilização de dias especiaes é digno de consideração.

V—Varias vezes, julga-se estupidez o que é apenas um defeito da vista ou do ouvido.

W—Washington, desde criança, nunca mentiu. Este exemplo deve ser inculcado aos alumnos.

X—Xenophonte dizia que devia tudo a seu fiel professor Socrates.

Y—«Ypiranga» deu a independencia politica, a educação dará a independencia moral.

Z—Zelo justamente applicado pelo professor, em seu trabalho, é mil vezes mais producente do que um açoite.

O valor educativo do vocabulario

A ESCOLA PROPORCIONA UM CONVIVIO INTELLIGENTE ENTRE MESTRES E DISCIPULOS

Por CLAUDIO BRANDÃO

II

ATTENTA a vastidão do lexico, a norma fundamental para quem pretende ensinal-o é escolher criteriosamente os termos mais correntes no fallar quotidiano e mais frequentes na linguagem litteraria.

Munido de tão valioso instrumento educativo, deve o professor utilizal-o, antes de tudo, para organizar, dirigir e robustecer as faculdades de seu discipulo, ministrando-lhe, em doses racionaes e bem calculadas, idéas exactas e palavras justas. Accommode as lições ao grau médio de intelligencia da classe a seu cargo, dando-lhe, com precisão e sobriedade, as noções de que necessite e abstendo-se de querer tudo explicar, pois seria isto tarefa cansativa e infructifera.

Ha varios processos de ensinar-se o vocabulario, mórmente em aulas adeantadas. Cada professor, porém, póde, pela pratica, pela observação, pelo tino profissional, crear os seus: o didacta é um artista, e a arte é muito individual. Mas todos elles se baseam nos tres meios que a pedagogia sempre considerou os mais suaves e efficientes, a saber, a *conversação, a leitura* e a *composição*.

A conversação é veieiro riquissimo, quando a pericia do mestre sabe exploral-o; porque, representando a via normal e espontanea de communicação entre os homens, não reclama os esforços necessarios aos outros meios dos quaes se servem para isso.

Mobilizando o vocabulario concernente a um assumpto alcançavel pela observação da criança ou capaz de suscitar-lhe a curiosidade e o interesse, como, por exemplo, a casa, a rua, a escola; os phenomenos atmosphericos, os trabalhos campestres, etc, terá o professor ensejo, não só de instruir a sua classe, multiplicando e fixando noções e vocabulos de real utilidade, mas ainda de educal-a, ordenando e regendo o funccionamento do psychismo infantil.

Empregará, para isso, com tacto e moderação associações ideologicas e verbaes sequentes e bem comprehendidas, fazendo resaltar as relações de semelhança, contraste, causalidade, finalidade, tempo, espaço, etc, e procurando mediante perguntas logicas e claras, desenvolver gradativamente em seus discipulos os processos mentaes superiores — comparação, generalização, abstracção.

Para terem plena proficuidade, cumpre dar aos exercicios de conversação a maxima naturalidade.

Nelles o professor, exercendo um papel principalmente directivo, esforçar-se-á para formar o que se poderia chamar o *dialogismo* do alumno, isto é, o poder e o saber conversar, dote precioso na vida pratica e no convivio social.

Evite escrupulosamente crear mentalidades passivas e parasitarias, incapazes de idéas e de concepções proprias. Avolumando a provisão lexical do menino, não pretenda o mestre impor-lhe suas opiniões como dogmas intangiveis definidos pela sua infallibilidade preceptoral. Ao contrario, deve acolher, com doçura e alegria, as objecções, as perguntas tendentes a esclarecer ou contrariar uma affirmação sua, deve até provocal-as, pois são, muitas vezes, indicios de um entendimento robusto e autonomo, em que se delineia uma visão propria das cousas.

Cultivemos zelosamente na criança a espontaneidade, a pessoalidade da expressão, a originalidade dos conceitos, ampliando e aperfeiçoando sempre dons tão preciosos. Fôra sacrilego apagar a chama, tão debil ainda de uma personalidade que desponta e que, no futuro, venha talvez a irradiar beneficas scintillações de talento e de caracter.

Os exercicios de conversação devem ser inspirados, directa ou indirectamente, pelos proprios alumnos. Si o professor nota uma palestra animada, uma discussão movimentada entre elles, aproveite-as logo para motivar, sem que elles o percebam, um exercicio na classe ou fóra della. Fará que um ou alguns dos meninos relate aos outros a novidade do dia ou o facto em tôrno do qual teciam commentarios. Conforme a curiosidade, o interesse, e enthusiasmo despertados, poderá organizar uma conversa viva e proveitosa, na qual intervirá apenas para methodizal-a, para suggerir termos mais exactos ou mais polidos, para emendar as phrases erradas, para evitar repetição de palavras ou rectificar idéas e juizos absurdos.

Pode-se ainda motivar um exercicio, lendo uma poesia ou contando historias breves e singelas, das quaes resalta um rasgo de virtude ou uma emoção esthetica; e, emquanto não amortece a impressão causada, trave-se um dialogo com a classe, formulando-se perguntas reflectidas e exigindo-se respostas correctas. Si estas forem deficientes ou viciosas, mande o professor um ou alguns dos alumnos integral-as e emendal-as, articulando com nitidez e acêrto os vocabulos de que se servirem. O mestre só intervirá, quando nenhum dos membros da classe houver atinado com uma resposta satisfactoria.

Terminada a conversação, convem obrigar os alumnos mais timidos ou aquelles cuja dicção for mais defeituosa a resumil--as, recapitulando os termos mais importantes, que serão depois escriptos no quadro-negro e empregados em phrases formadas oralmente.

A conversação presta em geral relevantes serviços á escola, como exercicio preparatorio da composição escripta. Entretanto, segundo preconizam eminentes pedagogistas, deveria ter mais largo uso entre os escolares rusticos, cujo circulo de idéas, cujo cabedal de palavras são por natureza restrictos. De feito, o ambiente uniforme e atrasado em que vivem diminue-lhes sobre-modo os estimulos de ideação e os recursos de linguagem. Assim, a escola é para o menino do campo um mundo novo. Nella circulam e fermentam idéas que, muitas vezes, o surprehendem e seduzem, e, por isso, póde ella attenuar sensivelmente os effeitos do meio que tão poderosamente lhe actua sobre o espirito e o caracter. Ella lhe proporciona um convivio culto, no qual a sua intelligencia é, a todo o instante, solicitada a trabalhar e a progredir, principalmente pelo tracto frequente e amigavel com o mestre, cujo primeiro cuidado deve ser ensinar a seu discipulo a exprimir-se com desembaraço e acêrto. Já demonstrou a observação que alguns mezes de frequencia em escolas ruraes em que se exercite racionalmente a conversação bastam para melhorar, de modo ás vezes surprehendente, a lingua incorrecta e pobre de seus alumnos.

E', portanto, de esperar que os professores, mórmente os ruraes, pratiquem com todo o zelo exercicio tão proveitoso, não só durante o tempo determinado no programma, mas ainda nos recreios, nas excursões, nos encontros fortuitos com os seus discipulos.

(Continúa)

NOTA — Na 1ª parte deste artigo sahiram alguns erros de orthographia e de pontuação, que o leitor facilmente emendará, dispensando, assim, uma corrigenda.

Não se devem matar os passaros

A PROTECÇÃO QUE SE DISPENSA AOS PASSAROS NOS ESTADOS UNIDOS

E' desnecessario dizer que temos em nosso paiz uma maravilhosa fauna de passaros que póde ser classificada de dois modos: passaros terrestres e passaros aquaticos. Para patentear-se o modo de tornar efficiente a protecção aos passaros selvagens, deve primeiramente fallar-se sobre a sua destruição: assim, depois de ter mostrado ao leitor tudo que se refere a isto, póde-se de um modo geral mencionar quaes foram as medidas tomadas pelo Governo ou pelas instituições para protegel-os.

Actualmente, os meninos e as meninas das escolas publicas e particulares tomam grande interesse pela protecção aos passaros e têm sido de muito proveito as conferencias e artigos sobre este assumpto publicados em revistas infantis que têm por fim chamar a attenção do publico sobre esta importante questão.

O principal inimigo e destruidor dos passaros é o homem; em seguida, vêm os animaes para os quaes elles servem de presa, e a lista não é pequena. Os gaviões e os mochos matam e devoram muitas especies de passaros; algumas cobras, occasionalmente, alimentam-se delles; um numero bem avul-

tado de mammiferos taes como as doninhas, raposas e outros quadrupedes tomam seu quinhão e assim por deante.

Tempestades violentas em terra e no mar destroem, muitas vezes, grande quantidade de passarinhos. Em 1865 houve, nos Estados Unidos, uma tempestade de neve que causou a morte de milhares: tangaras, alveolas, pintarroxos, carriças, tordos e muitas outras especies. Centenas de passarinhos foram lançados em Long Island Sound e lá pereceram: grande quantidade serviu de alimento aos habitantes da ilha, e as raposas, as lontras e outros animaes devoraram os restantes até exgottar-se a provisão de victimas. Póde-se avaliar como ficou reduzido o numero de passaros bonitos com esta unica tempestade. Antigamente, os mais notaveis pelo seu canto eram apanhados para as gaiolas. Agora, nos Estados Unidos, ha uma lei que prohibe isto, e é applicada com mais ou menos vigor. Collecionadores particulares, empalhadores, colleccionadores para museus, e outros, pedem sua quota, e muitos passaros são mortos para satisfazerem a estes fins mais ou menos legitimos. Não ha muito tempo ainda, destruiam-se milhares de passaros com o unico intuito de abastecer o commercio de modas, mas isto acabou quasi completamente e, hoje, é muito raro ver-se um especimen de qualquer passaro americano num chapéo de senhora.

Deve-se lembrar dos milhares de aves de caça que são mortos annualmente pelos atiradores, ou apanhados em armadilhas, para fornecerem os mercados, as mesas de hotel, as familias, etc. Alem disto, recentemente foi inventada e vendida aos meninos uma espingarda com a qual destruiram uma infinidade de passaros. Mas tomaram-se medidas para impedir o mais possivel este destroço ruinoso e desnecessario. Algumas vezes, doenças mortaes atacam certas especies de passaros e muitos delles perecem em consequencia das mesmas. Uma vez, uma doença dos olhos victimou os corvos ás margens do Atlantico e viram-se milhares de cadaveres juncando os bancos do rio Potomac, em Washington. Logo depois que o «pardal inglez» foi introduzido, alguns omithologistas e outras pessoas allegaram que elle era um inimigo dos outros passaros e tanto os perseguiram de diversos modos que sua existencia ficou seriamente ameaçada.

No Connecticut meridional, usavam-se outr'ora, armas de fogo de toda especie, desde a espingarda ao canhão pequeno, para a matança de milhares e milhares de pombos selvagens. Ha mais tempo ainda centenas de patos eram sacrificados em Long Island Sound, por obuzes atirados dos convezes das chalupas. Milhões de pombos arrulhantes são caçados nos bosques do occidente por todos que possam arranjar uma espingarda para este fim.

Os caçadores de passaros apanham bandos de differentes passarinhos para os mercados, e um grande numero de gaivotas e andorinhas do mar são abatidas para o commercio de modas. Eis, em grande parte, as causas que contribuiram para reduzir o numero de passaros. Sem duvida não expuz todas. Deve-se dizer, de passagem, que elles formam a classe mais importante no genero animal. Se não fosse a presença de passaros insectivoros, florestas inteiras, com o tempo, seriam destruidas pelas pragas de insectos que as infestam. São os passarinhos que impedem isto, porque alimentam-se delles em grande escala, permittindo assim, que as arvores cresçam e se desenvolvam.

Deste modo, elles protegem tambem as vidas de muitos outros representantes do mundo vegetal, muitos dos quaes nos fornecem alimento, madeira e outros productos de grande necessidade. Tudo isto os passaros fazem por nós e para muitos animaes que são da maior importancia para nossa raça.

Chegámos ao ponto em que é mistér dizer que todo cidadão deve fazer tudo que estiver a seu alcance para proteger os passaros.

Tal protecção deve estender-se mesmo áquelles que, de um modo ou de outro, parece prejudicar-nos. Muitas vezes, o prejuizo que elles causam é exaggeradamente avaliado. Isto é: os corvos, os gaviões, os mochos, os pardaes, os que se alimentam de peixes, e mais alguns outros não fazem tanto estrago como muitas pessôas dizem, especialmente os fazendeiros.

Naturalmente, de vez em quando, um gavião ou um mocho arrebata um pinto ou uma gallinha da India — mas, que tem isto? Vale a pena verem-se estes esplendidos passaros em seus *habitats* nativos.

Além disto, os proprios gaviões e mochos alimentam-se de um grande numero de esquilos dos campos, camondongos e congeneres, e os fazendeiros conhecem bem o mal que estes animaezinhos fazem aos seus celleiros de trigo, etc. Devem-se proteger todos os passaros e perdoar áquelles aos quaes um espantalho ensinará melhores medos. Geralmente, são o mais bello producto da natureza; muitos delles nos encantam com seu trinado e a grande quantidade dos que se alimentam de insectos nocivos ás florestas e ás plantas, são indispensaveis. Assim, todos aquelles que pensaram no assumpto e se interessaram por elle, esforçaram-se por proteger os passaros e devemos agora mostrar o que se fez sobre isto. Saibam, porém, que, apesar de tudo que se tem realisado neste sentido, os passaros não são absolutamente tão abundantes quanto o eram ha um seculo atraz. Algumas qualidades desappareceram completamente e muitas outras vão tendo igual destino. Muitas pessôas protegem os passaros, impedindo que sejam apanhados ou mortos nos seus estabelecimentos ou propriedades; outros, alimentando-os e construindo viveiros para aquelles que fazem seus ninhos perto das casas ou em fazendas; alguns, por meio de conferencias nas escolas e artigos sobre esse assumpto; emquanto outros ainda, empregam differentes modos para esse fim.

O governo faz promulgar leis sobre sua preservação e as applica em todas as partes do paiz. Grande parte deste assumpto é superintendido por differentes secções; uma dellas é a Inspecção Biologica da Secretaria de Agricultura dos Estado Unidos. Além disto, cada estado tem suas leis especiaes para a protecção aos passaros. Tambem ha muitos livros

dedicados a este assumpto e que nos ensinam o meio de augmentar-lhes o numero.

Sem duvida, as leis federaes e estaduaes têm salvo as vidas de milhares de passaros, e os meninos devem conhecel-as o mais possivel e ajudar, na medida de suas forças, a tornal-as obedecidas. Infelizmente muitos meninos não se interessam por isto, e outros matam grande quantidade de passaros sem necessidade. Si o que escrevi aqui persuadisse algumas crianças a deixar de matar passaros sem nenhum fim util, terei empregado bem o meu tempo.

(*Da revista americana «Popular Educator»*)

Agremiações que dão vida e efficiencia ao ensino

UM TRABALHO QUE PODE SER FEITO PELA ASSOCIAÇÃO DAS MÃES DE FAMILIA

EXISTE em Lavras, junto ao Collegio Carlota Kemper, a Associação de Paes e Professores, organizada de accordo com a que foi fundada, nos Estados Unidos, nas escolas reunidas de Nova York.

Ainda recentemente realizou a Associação de Lavras uma reunião interessante, em que se ventilaram assumptos de real interesse para o ensino.

Um destes assumptos, por exemplo, versou sobre o valor do ensino da jardinagem na escola. A proposito, o alumno do quarto anno Francisco Alves leu a seguinte composição:

«A aula de jardinagem. Para se plantar uma horta, é preciso, primeiro, comprar as sementes, depois arranjar um caixão com terra fina e regar todos os dias com muito cuidado, para que as sementes não saiam da terra, porque os passarinhos podem encher com ellas seus papinhos.

Depois de estarem as mudas todas bem cuidadas é preciso arranjar um canteiro de um metro quadrado, e transportal-as para ali, afim de crescerem melhor.

E' preciso ter muito cuidado, para que ellas não morram.

Plantei em meu canteiro as seguintes cousas: alface, couve-flor, repolho e batatas.

Tenho tambem um canteiro em minha casa, que eu fiz para não perder as mudas que sobraram.

Quando cresceram, levei-as daqui da aula para casa, todos comeram e acharam muito gostosas.

Assim, aprendamos a cultivar a terra, para que ella produza.

Aprendamos a amar o trabalho para sermos honrados.

Aprendamos a tratar das plantas, porque é um bom alimento. Cuidando dos canteiros sem atrapalhar os dos collegas, aprendamos a respeitar os direitos dos outros, porque isso é um dever de todos.

Aprendamos a ser cuidadosos com todas as cousas, porque isso fará com que tenhamos um futuro brilhante.

Aprendamos a nos alimentar com verduras, porque assim teremos bôa saude».

SUGGESTÕES INTERESSANTES

A Associação de Paes e Professores de Nova York organizou, para os seus associados, uma serie de suggestões preciosas, que dão aos paes instrucções interessantes para facilitar a educação dos filhos.

Nós temos agora, espalhadas em toda Minas, as associações de mães de familia, em cujos objectivos perfeitamente se enquadra o trabalho que empolga a referida agremiação de paes e professores de Nova York.

Resolvemos, então, publicar as suggestões alludidas, acreditando que ellas são da maior opportunidade, agora que se envolveram decididamente as senhoras mineiras na campanha da alphabetização do nosso povo.

Publicamos a seguir algumas destas suggestões:

«1.° — Providenciem as horas para as refeições, de fórma que não haja atropelo em casa, nem na escola.

2.° — Inculcam a pontualidade e a assistencia regulares, não permittindo que cousas triviaes as interrompam.

3.° — Façam que as creanças estejam vestidas singela, asseiada e modestamente e sempre de conformidade com o tempo.

4.° — Insistam para que as creanças menores de 14 annos tenham ao menos 10 horas de somno.

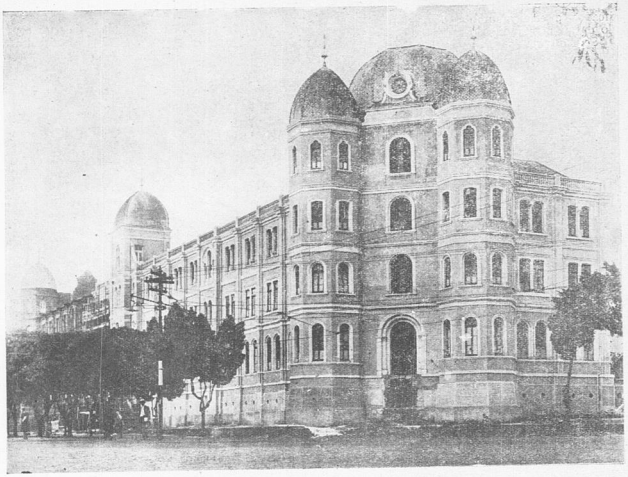
5.° — Saibam quanto tempo é necessario para o trabalho escolar que deve ser feito em casa e zelem para que seja feito com toda a fidelidade.

6.° — Providenciem para que haja um logar quieto para o estudo em casa, com boa luz e ventilação.

7.° — Mostrem que se interessam pelo trabalho feito pelas creanças na escola.

8.° — Visitem a sala de aulas na semana consagrada ás visitas, ou em outras occasiões para uma melhor comprehensão de todo o trabalho.

9.° — Nunca critiquem os professores ou a escola na presença das creanças. Sempre procurem saber os dois lados de qualquer questão que se sus-



Este *cliché* tambem dá uma idéa do que é o edificio do Collegio Arnaldo, desta Capital. E' o maior dos nossos edificios de ensino. O Collegio é dirigido pelos padres da Congregação do Verbo Divino.

cita e perguntem ao professor sobre os incidentes

10. — Desenvolvam em seus filhos o habito de obediencia e de respeito pela autoridade constituida.

11. — Apontem a escola como um logar muito feliz e desejavel, nunca como um logar que inspire receio.

12. — Si já estiver organizada uma "Associação de Paes" na escola, onde seus filhos se matricularam, sejam membros da Associação. Si não houver, porque não conseguir a formação dellas? Cooperação intelligente trará resultados beneficos para todos.

ASSUMPTOS PARA DISCUSSÕES E CONFERENCIAS

Não menos interessantes são alguns dos themas adoptados nestas associações para serem ventilados entre os socios.

Todos elles pódem ser adoptados entre nós:

1.° — Como estimular o amor á escola?

2.° — Porque se ensina tanta cousa á creança e não se lhe ensina a estudar? Qual o meio de lhe ensinar isto?

3.° — Como desenvolver na creança a faculdade de attenção? Que é essencial ao seu progresso intellectual?

4.° — Ha utilidade do ensino de Jardinagem no curso primario?

5.° — Como fazer para que o lapis e a borracha durem mais?

6.° — E qual o melhor meio de educar e instruir uma creança doentia?

7.° — Frequencia nas aulas.

8.° — Gymnastica infantil.

9.° — Como fazer a creança cuidar dos dentes?

10. — Para as alumnas que residem longe é difficil carregar reguas, pastas, caixas ou caixinhas com moldes.

11. — Meu filho tem trabalho excessivo?

12. — Meus filhos tomam agua filtrada aqui no collegio?

13. — Convém castigar a creança que não sabe a lição?

14. — Convem ter por costume guardar uma creancinha presa depois das aulas ou nos recreios?

O valor da musica na escola

O MESTRE DEVE SER ALEGRE E CHEIO DE FÉ

(*Continuação*)

CONDIÇÕES DO MESTRE

HÃO de ter condições «sine qua non»: a fé, a devoção e a convicção do necessario, que é sensibilizar o espirito infantil.

Com esta qualidade e um intenso enthusiasmo, continuidade no esforço, isto é, constancia fervorosa e alegria no trabalho, só fallecerá um amor entranhado e sincero ás creanças.

O professor ha de nutrir ideaes alevantados e um conceito mais amplo da transcendencia de sua profissão.

E' de tanta importancia a missão pedagogica, que, para exercêl-a, segreguei-me de grandes lucros que podia auferir mesmo no ambito de minha carreira, com esforço infinitamente menor do que o necessario para desempenhal-a dignamente, dando com meu exemplo prova da fé que a ella consagro.

CONHECIMENTOS TECHNICOS

Não padece duvida que um conhecimento completo da technica musical, alliado a estudos de esthetica, historia, etc., seria de extrema relevancia para todos os mestres; mas como é materialmente impossivel o cumprimento desta condição, aventarei uma idéa do que, ao meu arbitrio, deve saber todo professor de musica, para que se habilite a leccionar e a ensinar o canto coral.

Imprescindivel é o conhecimento do rythmo e da entonação, e para sua applicação efficaz, torna-se de necessidade o ensino dos intervallos, das escalas maiores e menores, dos tons maiores e relativos, dos compassos e outros elementos primarios indispensaveis á educação musical.

Com estes principios conscientemente estudados e bem assimilados torna-se viavel e solido o estudo da musica.

Entretanto, são as condições moraes e pedagogicas de muito maior valor que as technicas. Sendo as aulas de musica, antes de tudo, agradaveis e alegres, faz-se mister que o mestre deixe á entrada da porta toda e qualquer preoccupação, máo humor, aspecto sombrio, empregando, se preciso for, a hypocrisia e o fingimento afim de que se espanne sua repugnante fealdade.

E' indispensavel, na aula, mostrar-se o mestre alegre, animoso, enthusiasta: ensinar a cantar com animo e illusão, sempre com o semblante jovial, dando ás aulas aspecto de recreio, para que os alumnos a ella affluam com gosto e affeição, e as prefira ás recreações propriamente ditas. Assim é que se implanta nas almas tenras das creanças o amor pela musica e pelo canto, adquirindo ellas com facilidade e de modo insensivel os conhecimentos technicos. Tenha o professor, além disso, uma continua ductibilidade, para que, observando constantemente os pequenos, adapte-se a seu estado psychologico, não lhes violentando a natureza, mas educando-lhes o gosto e aprimorando-lhes a sensibilidade.

Em summa, o amor deve ser a resultante de todas as aspirações pedagogicas do mestre, sobretudo do professor de musica.

Sêde simples, carinhosos, bons e alegres para com os escolares.

O maior lenitivo que um mestre possa experimantar é o de se ver respeitado e querido.

CANTOS ESCOLARES

A opinião popular é que qualquer cousa serve para se cantar. Nada, entretanto, mais absurdo.

E' de maximo cuidado fazer-se um exame escrupuloso, uma selecção meticulosa do repertorio das musicas infantis.

Não basta cantar. E' preciso cantar bem, com sentimento e expressão, para que se eleve a alma desde o primeiro instante. Ha difficuldade, é certo, em escolher canções infantis. O canto escolar reunirá a facilidade e a belleza.

A parte musical corresponderá ás normas do bom gosto, ao passo que a textual ha de ser poetica sem ser emphatica e altisonante, coadunando-se com a pouca edade dos alumnos e fugindo a toda vulgaridade. A musica mais adequada á escola é a «natural», isto é, a que dimana da propria natureza.

E' a canção popular, abundante, salutar, cheia de encanto e de vida, é a que desenvolve os principios embryonarios da consciencia, da moral e do verdadeiro patriotismo.

Na canção regional—bem escolhida—campeiam a belleza natural, a justeza nas imagens, ingenuidade na descripção, sabor, caracter, elementos expressivos e poeticos; em synthese, della resumbra a essencia do patriotismo bem entendido.

(*Da Revista «El Monitor de la Educacion Comun», de Buenos Aires*).

Lyra de Gonzaga allusiva ao visconde de Barbacena

Por THOMAZ BRANDÃO

[Continuação)

V

COMO se vê do que ficou dito, contava o visconde de Barbacena trinta e quatro annos de idade, quanto tomou posse do governo de Minas. Embora bastante moço ainda, já trazia reputação de realce, adquirida no magisterio superior, e nome brilhantemente inscripto nos postos universitarios.

Havendo chegado a Villa Rica no rigor do inverno (7), pouco se demorou alli, porque tendo filhos de tenra idade, receou que o clima frio e humido daquellas ennevoadas montanhas lhes alterasse a saude. Por tal motivo resolveu ir estanciar na Cachoeira do Campo, distante quatro leguas, e já afamada pela benignidade de seu clima, pureza do ar e excellencia da agua. Situada em aprazivel paragem campestre, sem lhe faltar a frescura dos bosques, o murmurio dos ribeiros, o verde alegre dos prados e outros encantos da natureza, era como que uma *Tusculum* em miniatura, onde costumavam os governadores rusticar nos breves ocios que lhes deixava o pesado maneio dos negocios reaes.

Havia alli vasta habitação com todas as commodidades possiveis, á qual déra o povo a denominação de Palacio. Parece que fôra construido desde dezenas de annos atraz, visto que tinha a data de 1730. Proximo, existia o quartel destinado ao regimento de cavallaria em cujas adjacencias se estendiam magnificas pastagens para os animaes.

Retrato de Thomaz Gonzaga na prisão. Foi-nos offerecido pelo dr. Thomaz Brandão, auctor deste artigo. No dizer de Joaquim Norberto, a photographia é fiel.

Espirito affeito ao estudo e á contemplação dos seres da natureza, sentiu-se o visconde de Barbacena attrahido pela amenidade daquelle sitio, em cujo seio amigo estabeleceu sua residencia predilecta. Sómente ia a Villa Rica de onde em onde, de preferencia em occasiões de grandes festas, ou quando alli era reclamada sua presença para decisão de algum negocio de tomo, ou quando tinha de presidir á junta da real fazenda. Para despacho do expediente ordinario havia ordenanças de cavallaria expressas, encarregadas da conducção e reconducção das pastas das repartições publicas.

VI

Naturalista por inclinação, e, além disso, tendo filhos pequenos, precisados de ar, de sol, de largueza, pendia o visconde de Barbacena mais para a vida bucolica, que seduz pelas doçuras da paz e da simplicidade, do que para a vida de salão, ruidosa, ficticia, frivola, vã, hypocrita Os espiritos reflexivos e pensadores, quando os não insufla a vaidade, comprazem-se mais no apartamento voluntario, onde encontram quietude, alegria e estimulos ao pensamento, do que na agitação e rumor dos centros populosos, que fatigam os sentidos e dispersam a attenção. Mais á larga, pois, e mais resguardado de importunações, se sentia o visconde de Barbacena em seu doce remanso da Cachoeira do Campo, com sua familia, seus livros, seu herbario, seu minerario, sua creação domestica, do que nos

Fac-simile da assignatura de Thomaz Antonio Gonzaga

faustosos salões do palacio de Villa Rica, entre os esplendores da grandeza official, rodeado de aulicos mesureiros, e em contacto inevitavel com a sociedade elegante, que em todos os tempos nunca primou pela sinceridade.

Considerados conseguintemente os principaes delineamentos de sua personalidade, as tendencias de seu temperamento, o valor de sua intelligencia e illustração, seu gosto pelo estudo, particularmente das sciencias naturaes, que exalçando a alma á contemplação das maravilhas e magnificencias da creação, lhe infundem sentimentos brandos e generosos, não podemos imparcialmente attribuir-lhe instinctos de perversidade, arrogancias de tyranno, manifestações de malefica degenerescencia. Um homem que durante longo tempo sacrificou seus lazeres e seu socego ao nobre empenho de levantar da decadencia e quasi abandono a santa casa de misericordia de Lisboa, não podia, contrastando comsigo proprio, aninhar no coração sentimentos inhumanos. Se *de tal pae, tal filho*, como diz o antigo proverbio, Francisco Furtado, seu filho, cujo espirito caritativo ficou memorado, confirma a lei da hereditariedade moral.

Feitas estas ligeiras reflexões, vejamos qual o procedimonto do visconde de Barbacena ante a gravidade da denuncia dada contra Gonzaga.

VII

Joaquim Silverio dos Reis, na carta delatoria que escreveu a visconde de Barbacena a 19 de abril de 1789, affirmou, entre diversos pontos, os seguintes:

a) que Thomaz Gonzaga era o primeiro cabeça da conjuração;

b) que se achava longos mezes em Villa Rica, fabricando (*sic*) leis para o novo regimen;

c) que disfarçava sua permanencia alli com o pretexto de seu fallado casamento;

d) que para completo exito do levante já havia tomado diversas resoluções, entre as quaes *a de se cortar em primeiro logar a cabeça do visconde e depois as de outros que certamente o defenderiam;*

e) *que a cabeça do visconde seria apresentada ao povo, suspensa pelos cabellos, e com uma falla que elle* (Gonzaga) *já tinha escripto.*

Logo em seguida á carta de Joaquim Silverio recebeu ainda o visconde as do tenente coronel Basilio de Brito e do mestre de campo Ignacio Pamplona, inteirando-o tambem do planejado movimento subversivo.

Ora, taes denuncias dadas e assignadas por tres homens de certa representação, embora pudessem ser falsas, eram mais que sufficientes para prevenir e indispôr o animo do visconde contra Thomaz Gonzaga. Mandando prendel-o, como lhe cumpria fazer, attenta a gravidade das denuncias, collocou-se, no emtanto, acima de sentimentos mesquinhos, concedendo-lhe horas depois a valiosa attestação transcripta no capitulo VIII, da qual já nos occupámos (8). Ora, facilitar meios de defesa áquelle que, denunciado como chefe da conjuração tinha opinado se lhe cortasse a cabeça antes de qualquer outra, foi indiscutivelmente admiravel rasgo de magnanimidade, que provavelmente um Tito se não inclinaria a praticar.

Quem em circumstancias taes procedeu com tamanha elevação moral, bem podia ter feito reservadamente, em pró de Gonzaga, outras cousas que, se chegassem a ser conhecidas, destoariam inteiramente das apparencias officiaes. E' isto o que justamente se deprehende da malsinada lyra laudatoria, que já vimos não podia ter sido escripta para ir ás mãos do elogiado.

E não é só. Continuemos.

VIII

A 17 de novembro de 1789, respondeu Gonzaga, na Ilha das Cobras, ao primeiro interrogatorio, feito pelo desembargador José Pedro Machado Coelho Torres, nomeado pelo vice-rei para abrir devassa no Rio de Janeiro sobre a frustrada conjuração mineira. Do respectivo auto de perguntas consta o seguinte topico:

«Sendo instado para que dissesse a verdade do que sabia, pois que, além dos indicios notorios, como era uma longa demora na terra em que tinha acabado de servir, da qual ordinariamente todos desejam sahir com presteza pela differente figura que passam a fazer, principalmente o respondente que não tendo alli rendimentos alguns, estava perdendo os do logar em que estava provido, e, além disto, o seu adiantamento, o que não faria sem esperança de cousa mais avançada e por isso mais attendivel. Respondeu que o indicio nada faz contra o réo respondente, porque estava justo para casar em Villa Rica, e que tinha pedido licença a S. Magestade para esse fim... cuja licença esperava chegasse na nau que traz o Exmo. vice-rei, e que por isso lhe era mais commodo o demorar-se naquella villa alguns mezes para levar sua mulher em sua companhia, do que ir para a Bahia, e deixal-a para soffrer as despezas e incommodos de outra conducção, e por não ter pessoa que melhor a pudesse acompanhar do que elle proprio; em prova do que mostrava a attestação do seu Exmo. general, e requeria que se juntasse já a estas perguntas».

Por mandado do juiz juntou o escrivão ao auto de perguntas a attestação do visconde de Barbacena, lavrando na mesma data o competente termo de juncção.

Bem avisado, pois, andára Gonzaga, munindo-se em tempo de tão valioso documento para contrapôl-o á ponderosa allegação de sua prolongada demora em Villa Rica.

De todos os indicios de sua supposta participação no frustrado levante, era este sem duvida o mais serio e convincente. A attestação do visconde de Barbacena o invalidou por completo.

Sabedor do caso, o vice-rei D. Luiz de Vasconcellos suspeitou do visconde, que, assim como se havia mostrado interessado pela defesa de Gonzaga,

O Grupo Escolar Barão do Rio Branco, da Capital, realisou, com exito, a exposição dos trabalhos feitos pelos seus alumnos este anno. Aqui está uma photographia, que nos mostra um dos bellos aspectos da exposição.

podia estar tambem pela dos demais conjurados. Não lhe merecia, portanto, a menor confiança a devassa aberta em Villa Rica. Para contraminal-a, frustrando quaesquer intensões occultas, favoraveis aos denunciados ou a alguns delles, despachou para alli o referido desembargador Coelho Torres, com o mesmo escrivão Pereira Cleto, afim de procederem a uma ou outra devassa, sem embargo da que proseguia por ordem do visconde.

O absurdo de duas devassas, abertas a um tempo na mesma capitania, tendentes ao mesmo fim, e sob jurisdicções differentes, não podia deixar de occasionar attritos, recriminações entre os dois governadores, como aconteceu.

IX

E' digno de nota o extranho contraste entre o procedimento do visconde de Barbacena, facultando cavalheirescamente a Gonzaga meios de se defender, e de seus amigos Claudio, Alvarenga e conego Luiz Vieira, referindo-se em seus depoimentos a conversações intimas, de que a execranda alçada se occorreu sophisticamente para condemnal-o. Se não fossem os referidos depoimentos, não teria a alçada encontrado materia para os considerandos de sua iniqua sentença. (9)

Embora pudesse alludir tambem ás taes conversações intimas em que havia tomado parte sem intenção criminosa, não fez Gonzaga a mais leve referencia ás mesmas, nem a cousa alguma que pudesse comprometter alguem.

Em todos os interrogatorios a que respondeu, mostrou-se sempre nobre, sempre digno, sempre leal.

(Capitulo XII de *Marilia e Dirceu*, obra inedita).

---

(7) Tomou posse do governo em 1738, a 11 de julho, um dos mezes em que o frio, em Ouro Preto, é intenssissimo e ás vezes humido.

(8) Gonzaga foi preso na madrugada de 23 de maio de de 1789, num sabbado, oito dias antes do marcado para seu casamento, e *in-continenti* conduzido para o Rio de Janeiro. Ao passar horas depois por Cachoeira do Campo, onde se achava o visconde de Barbacena, obteve delle a attestação acima referida.

(9) Este ponto está amplamente explanado em outro capitulo da obra de que faz parte o presente.

TRES SONETOS DE MARIO DE LIMA

FELIPPE DOS SANTOS

ARDE, no alto, o arraial do Ouro Podre... A intervallos
Sobem, lambendo o céo, rubras linguas de fogo.
E, emquanto lavra o incendio, o heroico demagogo
Preso á cauda lá vae de indomitos cavallos.

Nirvem fogosamente os coreos. Aos estalos
de ossos disjunctos, mais se reanima o jogo
dessas pelas febris. Lá vão, no desafogo
da corrida, a transpor praças, ruas e vallos.

Pela estrada, marcando a dolorosa via,
os frangalhos do corpo, em chão profano e duro,
jazem aqui, alli. Vae declinando o dia

E um solario de luz alere o sol moriburo
e amortalhando o herói em pedaços, lhe envia
nos seus raios finaes as bençãos do futuro.

BORBA GATO

O' margens do Guaicuhy, seio umbroso e parado
do Sumidouro, — plaga immortal das bandeiras,
Certo conservarás as feições altaneiras
e os feitos desse audaz desbravador do matto.

Quem não te admirará, Manoel de Borba Gato,
O arrojo de affrontar feras, tribus guerreiras
vallos e sacrarões, chapadas e capoeiras,
do Sabarábussú pelo sertão ingrato?

A peregrinação com Paes Leme... A afeição
contra o *Fidalgo*... A fuga... A eleição do povoado
de Sabará... Por fim, o perdão... Que odyssei!

A alma evocas-te e, á luz da historia, se condiz:
tinhas, bronzeo titã, preso á cintura e afado,
o facão de cadilho em bainha de herói.

ANTONIO DIAS DE OLIVEIRA

ESTE, que ao sol e á chuva affrontava as bravias
selvas dos Catagnás, é do heroica linhagem
e á caça do ouro andou, em jornada selvagem,
vadeando ribeirões, transpondo serranias.

Ah! Quem te vira, em febre, afeito Antonio Dias
— tendo a paga final da intrepida romagem —
contemplar, como em sonho, a esplendida paragem
em pós da qual vagando e soffrendo vivias!

Vinha rompendo o alhor matinal... Dentro em pouco
a varzea do Tripuhy raugou-se entre as nebliuas
e o Itamonte surgiu aos teus olhos de louco...

Surgiu, tocando os céos — granitico dueto!
Conquistáras alfim, o coração de Minas...
Podias repousar, fundador de Ouro Preto.

CONTOS INFANTIS

O verdadeiro patriotismo

A professora, uma senhora esguia e já grisalha, usando na ponta do narigão uns grandes oculos escuros que lhe davam a autoridade de mestra, —avisára de vespera á criançada que em sexta feira seguinte,—dia da festa da bandeira,—deveriam todos comparecer ao meio dia para cantar o hymno nacional e algumas árias patrioticas, que a todas ellas pacientemente ensinara.

Lapparoni, um italianito gorducho, com seu narizito arrebitado, sua grossa jaqueta de velludo, que um milagre de alfaiataria domestica extrahira dum jaquetão de seu pai, pertencia ao grupo da petizada! O pai, um operario honesto vindo da Italia, havia pouco, numa leva de immigrantes de Aleppo, fosse embora um homem bronco, entendia de educar o filho. Que o bambino aprendesse a ler e não ficasse como elle um *contadinazzo* grosseiro e alarve luctando no braço da picareta pelo pão amargo de cada dia.

Si bem que todos da petizada o appellidassem *Carcamaninho*, judiassem constantemente com elle, o injuriassem e lhe atirassem pedradas,—o pequenito Lapparoni soffria tudo isso com paciencia, embora fosse bem mais possante que os outros, mais corpulento e desenvolvido que elles.

Fosse-lhe o meio hostil, andava sempre Lapparoni no meio da petizada bulhenta; soffresse embora seus arranhões, seus coques, suas caçoletas gratuitas: tudo isso elle perdoava, contanto andasse de cambulhada, na troça ruidosa dos petizes...

* * *

Ora, no dia da festa da bandeira, um dia alegre de muito sol, quando os grupos esparsos das crianças se dirigiam á escolaa legremente, para a solemne commemoração da bandeira, o em que estava Lapparoni entrou logo a discutir em voz alta. Escusado quasi dizer que se tratava naquelle grupo agitado, nada mais e nada menos que da propria pessoa do italianito.

—Elle não póde entrar na escola!—berrava com energia o Carlito, uma criança de uma familia abastada, que era em casa o aljesú de seus pais, e na rua, um rapazelho temido!...

—Não póde! bradava um outro. E' a opinião de meu amigo Carlito!...

—Não pode entrar!...—vociferava o Chiquinho, fazendo côro com os outros dois companheiros.

—*Porque* não *bosso?*... perguntou choramingando a criança.

—Porque você é um italiano, já ouviu? — E hoje é a festa nacional da bandeira brasileira... Já ouviu?...

—Porque você é carcamano!... disse o Pedrinho, chegando-lhe ao narizito redondo o pulso cerrado.

E todos cercaram o italianito com a ameaça duma grande sova!

—E vejam só!... fez o Carlito, todo eriçado de indignação patriotica, arrebatando das mãos de Lapparoni a cartilha remendada e suja...—Vejam só que desafôro!... Rasgar a bandeira brasileira!.. E mostrava aos outros a cartilha, aberta justamente no meio, onde, tomando a folha toda, estava rasgada de meio a meio a auriverde bandeira nacional!...

— Um italiano!

— Um extrangeiro!

— Um carcamano, rasgando a bandeira nacional!...

.....

Passado o primeiro atordoamento, resultante dos murros e sopapos, que sobre elle immediatamente choveram, o italianinho ganhou distancia, correndo para dentro da escola. Ali tinha o seu asylo seguro, e o prazer de assistir á festa feito entrar disfarçadamente, como si nada houvsse acontecido. Demais não era um intrigante. Jamais a mestra teve noticia de ter um dia o italianito apanhado de seus collegas na rua!...

* * *

Cantou-se o hymno com afinação regular, gritado, chiado, esganiçado por mais de quarenta gorjas.

Apenas o carcamaninho ficara mudo naquelle meio vibrante, ouvindo de vez em vez uma voz que lhe chegava ameaçadora aos ouvidos:

—Lá fóra você nos paga!...

Por isso, dispersa a escola, o italianito conservou-se lá dentro.

—Porque não saes? perguntou-lhe a mestra ao vel-o na sala já vasia.

E elle sahiu devagarinho, cabisbaxo, num passinho lento, quando os outros já estavam longe...

* * *

Os inimigos gratuitos de Lapparoni, os mais terriveis dentre todos,—Chiquinho, Pedro e sobretudo Carlito,—tendo esperado em vão o italianinho, que lhes fugira galhardamente das garras, inventaram logo um outro *sport* mais perigoso, é bem verdade, todavia muito menos perverso do que sovar um companheiro de escola.

Havia perto uma quintazinha pertencente a um sr. Gomides—um usurario mui conhecido pelo mau trato que dava outrora aos escravos. Tinham-no em

conta de assassino. Elle não tinha relações de amizade. Cercava a quinta um velho muro de pedra.

A nove metros de muro a dentro uma formosa jaboticabeira desafiava o paladar dos pueritos, cravejando seus longos ramos dos mais bellos fructos temporões!

Os tres gurys saltaram o muro e num relance se encarapitaram na arvore. Carlito trepou até á copa.

Mas, mal começaram a deliciar-se com as fructinhas tão saborosas, um cão negro de malhas brancas que Gomides propositalmente soltara, apresentou-se feroz e horrivel debaixo da dadivosa fructeira, pouco depois que Chico e Pedro tiveram tempo de se arrojarem da arvore e ganharem a rua caladamente para entrarem em casa silenciosos e vendidos! . .

Que o amigo delles se arranjasse! Melhor é o «salve-se quem puder!»

Entretanto, ao fugirem attonitos, não notaram o vulto de Lapparoni, que se esgueirava contra o muro da quinta e assistia á pandega dos tres. Esbarraram mesmo nelle, e deixaram cair um pau, destinado a lhe amassar os costados.

Passando a mão nesse porrete, Lapparoni subiu ao muro, e a scena que elle presenceou, a principio, arrepiou-lhe os cabellos!

Pendurado pelo gasnete na forquilha de um galho alto, elle viu Carlito já sem fala, espichando lentamente o pescço e deitando aos poucos para fóra um palmo de lingua desmesurado, emquanto em baixo, em derredor da fructeira, quasi a attingir-lhe os pés suspensos, o grande cão pinoteava e latia. Saltar o muro para dentro e afrontar audazmente a féra, com o pequeno cacete que apanhara,—foi obra de alguns segundos apenas.

Ante a sua coragem indomita, o animal, surpreso, foi-se afastando, recuando, com o pello hirsuto, até que o pequeno italiano, num salto agil de guariba, atirou-se ao galho da arvore, salvando-se milagrosamente dos dentes do furibundo animal.

Embaraçando-se e arranhando-se nos galhos, conseguiu entretanto suspender o enforcado e destrançal-o com grande excesso de esforço da bifurca rija e assassina, que o mataria certamente se decorressem mais dez minutos...

* * *

No dia seguinte, a professora, que tivera conhecimento do facto,—jamais se vira tão eloquente e verbosa.

Ao passo que verberava com toda a furia de sua eloquencia didactica a conducta trahidora e covarde dos dous companheiros de Carlito,—exaltava a acção heroica daquelle pequeno Lapparoni, salvando da forca o adversario poltrão, que na vespera lhe promettera uma sova!

Cairam-lhe mais de cinco vezes os oculos do rubicundo nariz!

Dissertou sobre o patriotismo, ensinando que patriotismo não consistia apenas em cantar hymnos nas solemnidades nacionaes e em cultuar com fetichismo as bandeirinhas lithographadas nos livros.

Outros eram certamente os fructos da civica educação. O civismo e o amor da Patria se manifestam nas acções das pessoas.

As boas acções e a rectidão na conducta são o que mais eleva e dignifica os individuos, que constituem no seu conjunto a nação E' elevando-se a moral de cada um que se eleva a moral da Patria!

A petizada ouvia-a attenciosa, e os dous cumplices, Chiquinho e Pedro, os olhos pregados no assoalho, tinham cara de arrependidos facinoras.

. . . . . .

Lapparoni desde esse dia foi respeitado e admirado por todos; esqueceram todos da sua alcunha. Já não era o «Carcamaninho» de que dantes seus condiscipulos zombavam. Era agora o pequeno heroe, um digno filho da bella Italia, que honrava a terra onde nasceu, a gloriosa terra de Garibaldi.

FOLK

QUALIDADES QUE DEVE POSSUIR UMA CREANÇA QUE TERMINA O CURSO DO GRUPO ESCOLAR

Uma criança que termina o curso primario, tendo frequentado os quatros annos do Grupo Escolar, deve:

1—Respeitar a autoridade legitimamente constituida.

2—Ter um corpo forte e sadio.

3—Fallar e escrever bem o portuguez.

4—Saber ler, interpretar e apreciar os bons livros ou, simplesmente, os artigos das revistas.

5—Conhecer perfeitamente as quatros operações fundamentaes.

6—Possuir um caracter bem desenvolvido, de modo a tornar-se um adulto efficiente.

7—Saber escrever com mais ou menos rapidez e com lettra legivel.

8—Ser capaz de apresentar-se perante um auditorio e exprimir-se com clareza e concisão.

9—Possuir as bases para se tornar um bom cidadão.

10—Saber apreciar as melhores cousas da vida, taes como a arte, a musica, a natureza e a litteratura.

11—Ter aprendido o melhor modo de empregar as horas vagas.

12—Desejar uma educação mais completa.

13—Manter uma attitude correcta para com os companheiros.

14—Interessar-se, especialmente, pelo menos, por uma das materias que estudou.

15—Ter o maior respeito pelos direitos alheios.

16—Saber utilizar-se de uma livraria e consultar livros.

17—Ser, pela acquisição de bons habitos, honesto para comsigo e para com seu trabalho.

18—Possuir maneiras cortezes.

Se conseguirmos, na escola elementar, realizar estas cousas, teremos uma criança que não seja apenas «atulhada» de educação livresca, porém bem educada e que esteja apta para occupar seu logar na sociedade. E, afinal de contas, este é o unico fim real da escola.

(Adaptado da revista americana «Popular Educator»)

A vida de D. Pedro II é um livro: em cada pagina um novo encanto e um ensinamento novo

A purpura do principe não separava o povo do seu grande coração — Palavras de sua majestade a um jovem que acabava de receber o diploma — Alto conselho de civismo que deve ser repetido em nossas escolas.

QUEM estuda demoradamente a vida gloriosa do grande monarcha brasileiro, encontra sempre um novo aspecto de seu caracter que admirar, um facto que ainda não conhecia, mais uma outra face, revelando a sua grandeza, quasi sobre-humana.

Assim tambem, ao viajor que vae descendo lentamente as aguas de um grande rio, largo como um estuario, e da barca vae observando suas margens, depara-se a cada instante um novo panorama, que o extasia e encanta. Aqui, a matta virgem, silenciosa e solemne; mais abaixo, estrellado de flores, um campo, descendo suavemente até a praia; nas ramas, que parece abrigarem o remanso onde a corrente abre um leve riso de espumas, esplendem as formosas orchideas, desatando em ramalhetes de incomparavel belleza. E para mais alegrar, mais alindar aquella immensidade tranquilla, as garças roseas, os guarás vermelhos, os flamingos, escarlates como rubis, outras aves, de tão vivo colorido, que parece terem no peito uma couraçasinha de ouro e esmeralda, povoam e animam os ares, com a graça airosa do seu vôo. E fechando o horizonte, muito ao longe, a cinta de montanhas semelha uma cortina de azulada gaze.

Melhor diria eu, para explicar meu pensamento, si comparasse a vida longa de D. Pedro II a um precioso livro, onde o leitor encontra em cada pagina um novo encanto, um ensinamento em cada capitulo; livro que ensina, que educa, que estimula para o bem, eleva o sentimento e nos enche de orgulho, porque é nosso e bem nosso.

Entre o Imperador do Brasil e os soberanos europeus, que viveram nestes ultimos tempos, é completo o contraste. — Napoleão III na França, Guilherme II na Allemanha, Francisco José na Austria, Victor Emmanuel na Italia, Eduardo VII na Inglaterra, Nicolau II na Russia, todos elles, mesclando e confundindo a necessidade da conservação da sua corôa com a propria vida da sua patria, mantinham formidaveis exercitos, roubando o serviço militar a parte mais sadia e moça do povo, e todos elles trajavam, como aviso de guerra, em preparo constante, não a sobrecasaca burguesa do nosso imperador, e sim a farda militar; não tendo na cabeça, como elle, a çartola de cidadão pacato, mas um boné de general ou de almirante.

D. Pedro II, quando desejava demonstrar a algum sabio o seu apreço a algum desses soberanos, que tanto o respeitavam, a sua estima, offerecia-lhe uma das nossas condecorações. Lá, no velho mundo, aquelles monarchas, uns decahidos agora pela formidavel estremeção que sacudiu a terra inteira, outros mortos já, tinham outro modo de manifestar o seu apreço a outro soberano. Nomeavam-n'o marechal, almirante honorario. E até as princezinhas gentis eram coronelas de esquadrões de cavallaria extrangeira...

Durante o imperio do Brasil, a Igreja não estava separada do Estado, como agora. Os juizes eram nomeados pelo governo central, e por esse motivo o Imperador era extremamente ciioso do alto nome da nossa magistratura e do prestigio do nosso clero. No juiz prevaricador via aquella consciencia austera um crime imperdoavel, como qualquer irregularidade do proceder de um sacerdote, chegando ao seu conhecimento era um defeito grave, que o affligia e o irritava.

As suas audiencias dava-as o Imperador n'uma galeria envidraçada do paço de S. Christovam, andando sempre com as mãos atraz das costas, ouvindo a um e a outro, sem tomar notas, porque a sua

O DECRETO DO GOVERNO CREANDO O GRUPO PEDRO II

O governo do Estado expediu, no dia 2 do corrente, o decreto em virtude do qual se crêa nesta Capital, com o nome de Pedro II, um novo grupo escolar.

Vão já adeantados os trabalhos de construcção deste novo edificio, cujas linhas, de uma nobre e discreta elegancia, obedecem ás regras de um bello estylo colonial.

O decreto define, em poucas traços, a figura do monarcha, em relação a alguns dos lados mais luminosos do seu espirito e está assim redigido:

"DECRETO N. 7.044

Crêa um grupo escolar na Capital, com a denominação de Pedro II

O Presidente do Estado de Minas Geraes, usando das attribuições que lhe confere a Constituição do Estado, e:

considerando que o Imperador D. Pedro II, intelligencia votada ao culto das sciencias, das letras e das artes, prestou ao ensino no Brasil servços da mais alta projecção na marcha ascencional da civilização brasileira;

considerando que, por isto mesmo, muito de accordo ficará com os pendores que definiram o seu grande espirito a homenagem que lhe perpetue o venerando nome numa casa de instrucção;

e considerando, afinal, que este preito á memoria do monarcha illustre conduz bem com a alma generosa e justiceira de Minas Geraes;

Resolve crear um grupo escolar na Capital, situado na praça José Bonifacio, com a denominação de „Pedro II", em homenagem á memoria do segundo Imperador do Brasil.

Palacio da Presidencia do Estado de Minas Geraes, em Bello Horizonte, 2 de dezembro de 1925.

FERNANDO MELLO VIANNA.
Sôndoval Soares Azevedo."

maravilhosa memoria dispensava esse recurso.

Um conhecido meu, que fôra juiz municipal no oeste de Minas, tentou ser reconduzido no cargo, depois de dezeseis annos do seu primeiro quatriennio. Era um homem violento, nada amigo do estudo, acaipirado, e que presava bem pouco a dignidade do cargo.

Delle se contava o caso de um despacho insolente, sujo mesmo, dado em requerimento de um procurador, seu desaffecto. E quando, na audiencia, dezoito annos depois, deu seu nome ao Imperador e lhe pediu ser reconduzido, D. Pedro II lhe disse em tom severo:—Não foi o sr. quem, uma vez, n'uma petição, deu este despacho?... — E reproduziu *ipsis verbis* o teor delle. — Ora, sr. dr.! Um homem violento e indelicado como o sr. não é digno de fazer parte da magistratura brasileira.—E voltou-lhe as costas, indo ouvir outro pretendente, emquanto o meu pobre amigo retirava-se corrido de vergonha, e com as orelhas em brasa.

Naquelle palacio, onde reinavam a autoridade e a immensa bondade de D. Pedro II, a caridade da Imperatriz D. Theresa Christina realisava milagres de beneficencia, que a fizeram uma verdadeira santa.

Um facto é bastante.

Nas immediações do paço de S. Christovam, morava uma senhora muito pobre, mãe de tres pequeninos, magritos, anemicos, que alugava ás mulheres que iam, aos sabbados, solicitar do Imperatriz uma esmola, quasi sempre, uma nota de vinte mil réis. Entrava a mulher, trajada de viuva, acompanhada dos pequenos, que alugára, para se fazer de martyr da miseria, com aquellas creancinhas que sustentar. Lamuriava a sua queixa estudada, recebia a esmola da nota de vinte mil réis, babujava de joelhos a mão dadivosa, e ia entregar á alugadora os filhos e a sua commissão.

Vinha depois—e muitas vezes no mesmo dia—outra infeliz senhora, tambem filante, desbriada, tambem trajada de preto, choramingando a sua infelicidade, muito fingida, com aquellas mesmas crianças que vestir e alimentar, gemendo a sua sorte, ao lado dos pequenitos, de dedinho na bocca, e conhecendo bem aquella sala, e sabendo de cór aquelles lamentos, estudados em casa. Fingia a Imperatriz não se aperceber daquella indecente especulação da sua bondade infinita, dava-lhe a esmola, e assim a mãe dos meninos ganhava rendosa feria, com só o trabalho de os vestir de lucto no dia da audiencia da soberana.

No caracter do Imperador havia tanta austeridade como tolerancia, dessa tolerancia propria das almas grandes, nobres, e cuja falta tanto amesquinha, não raro, os homens que occupando um alto cargo, deviam tambem manter-se em esphera elevada, isenta de intrigas e de malquerenças soprados pelos aduladores. Christiano Ottoni, Lafayette, eram republicanos historicos, e elle os escolheu senadores, porque assim o queria a voz do eleitorado. Salvador de Mendonça foi outro republicano historico, jornalista admiravel, e a este deu D. Pedro II a legação norte americana, valendo-lhe na pobresa altiva, e galardoando seu alto merecimento. No seu reinado, até os ministros eram derrotados nas eleições liberrimas.

Foi depois seu ministro da Fazenda e conselheiro de Estado Salles Torres Homem, visconde de Inhumirim, que havia escripto contra elle o famoso pampheto *O libello do povo*. Ferreira Vianna, tambem ministro depois, tambem conselheiro de Estado, não o havia poupado na tribuna e na imprensa, farpeando-o de suas ironias. E seria certamente grande villania, por parte delles, recusar o aperto de mão que lhes estendia *sans rancune*, sem eiva de resentimento mesquinho, o soberano magnanimo, antepondo a qualquer magua pessoal o interesse do paiz, que não podia dispensar os serviços de homens de tamanha competencia e probidade. Pensar de modo diverso equivale a dizer que a palavra reconciliação é um termo indigno do homem de brios, quando é, muitas vezes, um gesto nobre e honroso para o offendido como para o offensor.

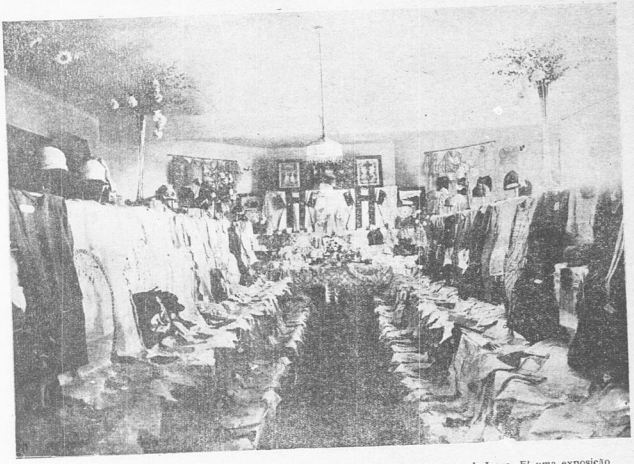
A erudição do monarcha brasileiro era tão solida quanto vasta, e justamente proclamada pela gente mais culta do Brasil e da Europa. Relembro um caso apenas.

Viajava eu, um dia, com o conselheiro Lafayette, muito depois da queda do Imperio. Occorreu-me lhe perguntar, em meio da nossa palestra, si o Imperador era, realmente, um homem de illustração vastissima, como diziam. O grande jurisconsulto chupou uma fumaçada do cigarro de palha, virou para o tecto do vagon o olhar muito estrabico, e respondeu nestes termos textuaes: — Como sabe, eu fui tudo no Brasil, Ministro da Fazendo, conselheiro de Estado, senador, fui arbitro entre duas nações. Nos Estados Unidos, no Chile, na Europa, tive ensejo de conhecer e de tratar com muita gente illustrada. Pois, lhe afirmo que nunca tratei com um homem, cuja illustração tanto me espantasse. Um dia, accrescentou elle, depois de nova chupadela ao cigarro de fumo forte, conversavamos sosinhos, no Paço, sobre systemas philosophicos. Falei incidentemente em Kant, e logo o Imperador fez sobre elle uma verdadeira conferencia, que me deixou embasbacado!

E crente no que dizia Lafayette, eu, muito lampeiro e risonho, pude apenas soltar esta exclamação, que era digna daquelle Zé Fernandes, da *Cidade e as serras*: Embasbacar um Lafayette... Olhe que já é!

Nunca seria demais insistir na demonstração da alta mentalidade, da pura consciencia, da sua bondade, unida á sua austeridade. Desta poderia dizer-se que merecia ser comparada a esses alcantis enormes, das altas montanhas de marmore de Carrara, lisos, brancos, unidos, sem uma anfractuosidade onde aninhar um sentimento villão e um pensamento mesquinho.

Separado para sempre de sua mãe, morta quando elle contava sómente um anno, eternamente separado de seu pae, quando apenas contava seis annos, teve aquelle futuro soberano que receber



Está aqui uma photographia da exposição de trabalhos do Collegio Sagrado Coração de Jesus .E' uma exposição escolhida e brilhante, digna de ser visitada.

nas mãos, de creança ainda, o peso formidavel deste nosso immenso paiz, onde o fermento das revoluções era um perigo constante. Como si fosse elle um pequeno almirante a quem se confiasse o commando de grande nave de guerra, sacudida pelas tormentas que a ameaçavam sempre, soprando de todos os pontos da terra.

E a nave poderosa ainda ahi está, senhora dos nossos mares, sempre respeitada, sem que jamais tivesse que ser conduzida, humilhada, ao poder dos extrangeiros, sem que jamais fosse arriada do seu mastro grande a bandeira gloriosa. Um dos maiores titulos de D. Pedro II á eterna gratidão do povo brasileiro consiste em que deixou a nossa patria integra na sua velhice, como a recebera na sua infancia.

Ninguem poderá dizer quantos foram os moços pobres, de privilegiado talento, que estudaram á custa do Imperador, alguns que se fizeram notaveis mesmo, e que sem a munificencia imperial teriam que vegetar n'algum logarejo, ou, como aconteceria a Carlos Gomes, gastando mocidade e genio nas repubblicas de estudantes, em S. Paulo, e a compor modinhas para piano.

Um desses homens, Crispiniano Tavares, que estudou á sua custa, nos relatou n'uma conferencia, em Ouro Preto, que depois de receber o diploma de engenheiro, foi logo ao Paço, agradecer a D. Pedro II o que por elle fizera, e lhe perguntar em que podia lhe ser util, algum dia. A resposta foi esta:— Sendo sempre um homem honesto, escrupuloso em tudo, e sempre amigo da sua carreira e de seu paiz —Nos menores factos da sua vida encontramos a mesma austeridade e, ao mesmo tempo, a mesma benevolencia, quasi de um santo.

Um caso, que ha pouco relatei na imprensa, revela, de modo encantador, a somma de bondade que havia sempre naquella consciencia purissima.

Quando o imperador veiu a Minas, em 1881, ao chegar ao collegio do Caraça, houve, como é deploravel costume ainda, grossa e perigosa foguetaria. Aconteceu que um cãosinho obedecendo aos instinctos e habitos dos de sua raça, foi logo cheirar uma bomba de dynamite, que viera ao chão sem estourar ainda. O explosivo, estalando com fragor, atirou aos ares o cachorrinho, morto já. E o imperador fez vir á sua presença o foguetéiro, assustado,

e lhe disse meio risonho:—Seria muito bom que de hoje em diante não mais fabricasse tão perigosas bombas, porque eu desejaria que durante meu reinado nem os cachorros soffressem por minha causa.

Profundamente democrata sem affectação, comprazia-se D. Pedro II em conversar mesmo com a gente humilde, simples, sem orgulho, com aquella bonhomia, que é um bello apanagio dos homens verdadeiramente superiores.

Um dia, ao tempo em que quasi todo o commercio de Minas era feito pelo porto da Estrella, passeiava elle pela manhã, no jardim do palacio de Petropolis, na companhia das suas duas filhas, Izabel e Leopoldina, muito meninas ainda. Um tropeiro, vindo de Uberaba ou das visinhanças do Araxá, ignorando quem podia ser aquelle homem, singelamente vestido, entendeu que não fazia mal penetrar alguns passos dentro do portão, para ver melhor a belleza do jardim. Entabolou D. Pedro II uma conversa com aquelle curioso individuo, rindo, sobre os seus negocios, sobre a sua long viagem, pelos descampados, durante semanas, acompanhado a tropa de toucin o e queijos. Ao sahir do jardim, o pobre caipira perguntou ao Imperador: — Indas que mal pergunte, o sr. como se chama?—Pedro de Alcantara, respondeu o monarcha.—Pois, sió Pedro de Alcantara, o senhor, assim mesmo, tem uma casa bem bonita! Era o palacio imperial, meio occulto no fundo do jardim.

Era um verdadeiro culto o amor que D. Pedro II dedicava á nossa patria, que governou durante meio seculo. E quando teve de seguir para o exilio, levou um pouco de terra brasileira, para dormir sobre ella o somno eterno. Que outro homem faria o mesmo, levaria esse «pugilo de terra», para sobre elle descançar na eternidade?...

Nunca foi a republica um espantalho para a sua consciencia de perfeito vidente.

Para destruil-a seria incapaz de ordenar que a força publica arrancasse a sua espada, nem que a justiça civil levantasse uma força, e nem abrisse as portas d'uma prisão para encarcerar qualquer adversario seu. Estudava o problema com a attenção e fria impassibilidade de um sabio, do naturalista, que estuda no seu gabinete um minerio desconhecido ainda, ou uma nova flor, espalmada entre as folhas de seu herbario.

Viveu nobremente, governou sabiamente, deixou o nosso paiz respeitado e unido, e morreu sem uma censura, sem um lamento quasi, como morrem os santos.

Bello Horizonte, 8 de janeiro de 1925.

GUSTAVO PENNA

AS SALAS DE LEITURA NOS GRUPOS ESCOLARES

UMA QUE VAE SER INAUGURADA NO GRUPO "BARÃO DO RIO BRANCO"

Em Janeiro proximo, será inaugurada no grupo «Barão do Rio Branco» a sala de leitura «Dr. Sandoval Azevedo».

O acceso á referida sala será tranqueado, ás segundas quartas e sextas aos meninos e ás terças e sabbados, ás meninas.

Haverá um registro no qual escreve o alumno seu nome, a classe e turma a que pertence, comprometendo-se, ainda, a observar fielmente, as seguintes clausulas:

a) Trazer as mãos limpas;
b) Não estragar os livros;
c) Virar as paginas com os dedos seccos e sem a menor gotta de saliva;
d) Não incommodar os outros.
e) Não conversar na sala de leitura.

—Além de excellentes obras didacticas offerecidas ao grupo por paes de alumnos, professoras e mais pessoas, conta a sala de leitura «Dr. Sandoval Azevedo» mais os seguintes livros:

LIVROS EDUCATIVOS E INSTRUCTIVOS

Coração, Edmundo de Amicis;
Alma e coração, Hygino Amanajor;
Imitação de Christo, trad. de Affonso Celso.
A retirada da Laguna, Vi conde de Taunay;
Céos e terras do Brasil, » »
Atravez do Brasil, O. Bilac e Bomfim.
A alegria de viver, Orison Marden.
Sê perfeito em tudo o que fizeres, Orison Marden.
A arte de viver na sociedade, M. Amalia Vaz de Carvalho.
O valor, C. Wagner;
Vida simples, C. Wagner;
Collecção de livros de Samuel Smiles;
Os vegetaes, sua vida e utilidade, C. Souza Pinto.
Pão nosso, Trindade Coelho;
A tada Hyda, Renato Kehl;
As heroinas do Brasil, General Carlos A. Campos;
Continentes e oceanos, V. J. C.
Grandes do Brasil, (biographia) E. de Abreu;
Lições de coisas, Saffray Sampaio;
Criança, meu amor, Cecilia Meirelles;
Quando veio o salvador, Dr. Donato (traducção de M. Mattoso Ribeiro.
Atlas de animaes brasileiros, R. von Ihering;
A arvore, Julia Lopes e Affonso Lopes;
Minha historia Sagrada, (trad. de Carlos de Laet);
Pelo sertão, Afonso Arinos;
Geographia Commercial, L. Xavier;

LIVROS RECREATIVOS

Os desastres de Sophia, Mme. de Segur;
As meninas exemplares » » »
As ferias » » »
Que amor de criança » » »
Pinocchio, Collodi;
O Guarany, José de Alencar;
Innocencia, Visconde de Taunay;

Uma familia ingleza Julio Diniz;
Fidalgos da casa mourisca. » »
Pupillas do Sr Reitor, » »
A mulher forte, Abbade Landriot
D. Quixote da Juventude, (extracto da obra de Cervantes);
Formosa donzella, Walter Scott;
Mosteiro » »
Cinco semanas em balão, Julio Verne;
As vinte mil leguas submarinas, » »
Viagem ao redor do mundo, » »
A' roda da lua, » »
Miguel Strogoff, » »
Ilha mysteriosa, » »
Estrella do Sul, » »
Cantor, Irmãos Grimm
Meu tio e meu cura, Jean de la Brét;
A cabana do Pae Thomaz, Bechel Stowe;
A filha do director do circo, Baroneza de Brackel;
A casa do saltimbanco, Mme. de Stoltz;
O Robinson Suisso, Wyss;
Aventuras de Robinson Crusoé, Daniel de Foe;
Mysterio de Natal, Coelho Netto;
Apologos, » »
O lar, Miguel Milano;
Lendas de nossos indios, Brandenburgen
Japão, Fenimore Cooper;
França, » »
Portugal, » »
Historia do reino encantado, F. Grimaldi;
Memorias de Lili, Emilia de Souza;
Theatro das crianças, Benedicto Octavio;
» » Carlos Góes;
» » Vieira Pontes
Historias da Carochinha, Figueiredo Pimentel;

SECÇÃO PARA ALUMNOS DE I ANNO E II

As peripecias da Aviação, André Hillé;
Saberel ler, » »
Historia de bonecas, Benjamin Costallat;
Os animaes divertem-se, B. Rabier;
Album de gravuras, Vuiggan;
Albuns, Jordie;
Juca e chico, Burch, Versos de Fantasia;
Collecção da Bibliotheca Infantil, Arnaldo Barreto;
Dodóca, Dolores Barreto;
Jóca Tatuzinho, Monteiro Lobato;
Jogos da infancia, Liv. Garnier Conego Schmidt.
Cantor, Conego Schmiat;

LIVROS DE POESIAS

Céos, terra e mar, Alberto de Oliveira
Poesias escolhidas, Affonso Celso;
Canções, Gonçalves Dias;
Poesias infantis, Bilac e Coelho Netto;
Poemas e canções, Vicente de Carvalho;
Os simples, Guerra Junqueiro.
Animaes nossos amigos, Affonso Lopes Vieira;
Fabulas de Bocage, (versos para crianças);

PREMIANDO O TRABALHO DOS PROFESSORES

OS QUE FORAM ELOGIADOS PELA SECRETARIA

E' a seguinte a relação dos professores elogiados, no mez de outubro de 1925, pela Secretaria do Interior:

Por Portarias

DIA 1.°

1) Nair Arruda, do grupo escolar do Porto de Santo Antonio, municipio de Cataguazes;

2) Francisca Alfredina Ribeiro, de Timboré, municipio de Santa Rita do Sapucahy;

3) Fabiola Silveira, do Corrego do Sacramento, municipio de Ubá;

4) Reginalda Tafuri, de Desterro do Mello, municipio de Barbacena.

DIA 3

5) Maria de Castro Campos da Cunha, Ottilia Simões, Maria Augusta Guadalupe, Amelia Ferreira, Maria Augusta Pamphiro da Cunha, Maria Christina de Freitas Ferreira, Celina Amelia de Rezende, Ruth Soares de Almeida, Aguida de Oliveira Campos, Conceição Klark Dias e Helena Rio Grande, directora e professoras do grupo escolar de S. João d'El-Rey.

DIA 5

6) José A. Raposo Lima, Josephina Candida de Oliveira, Carmen Ribeiro de Carvalho, Rita Manini de Castro, Maria Marques, Henriqueta Castello de Carvalho, Maria Clara Mendes, Julieta Ribeiro de Carvalho, Amanda Dias Ribeiro, Rosa Caputo e Americana Ribeiro de Faria, director e professoras do grupo escolar de Santa Rita do Sapucahy;

7) Ricardo Souza Cruz, Maria José Gomes, Maria do Espirito Santo Gomes, Maria Moreira da Costa, Ambrosina de Oliveira, Haydée de Oliveira, Ernestina da Silva Lopes, Amelia Cotta Ferreira, Violeta Leão Kistemam e Mercedes Campolina Diniz, director e professoras do grupo escolar de Santa Quiteria;

8) Maria das Dores Pereira, de Urucania, municipio de Ponte Nova.

DIA 14

9) Gabriella Alves Prado, Irene de Carvalho Breyer, Celia Moreira de Rezende, Polycena Barroso, Maria da Cruz Azevedo, Maria José Rezende, Marinetti Alibert e MariaLuiza Breyer, directora e professoras do grupo escolar de Bicas;

10) José J. Cordeiro Valladares, Francisco José Pereira, Maria Augusta Bahia Mascarenkas, Eliza

Saldanha, Maria Augusta dos Santos Cançado, Maria Martins, Maria de Lourdes Morato, Maria Dolabella Portella, Yvone Guimarães, Maria da Conceição Menezes, Maria de Freitas e Irene Mourão Lopes Cançado, director e professores do grupo escolar de Pitanguy;

DIA 30

11) Eduardo Daniel Ferreira Dias e Rita Candida F. Dias, de S. Joaquim da Serra Negra, municipio de Alfenas.

DIA 31

12) Maria José de Oliveira, de Japão Grande, municipio de Oliveira.

Por Officios

DIA 1.°

1) Juracy Antunes, Hilda Henrique de Carvalho e Olga Gadis, professoras do grupo escolar de Porto de Santo Antonio, municipio de Cataguazes;

DIA 3

2) Olivia Oliveira Campos, professora do grupo escolar de S. João d'El-Rey;

DIA 5

3) Joaquim da Silva Pereira, Ubaldina Pacheco, Regina Maria da Conceição e Eugenia Vidal Leite Ribeiro, director e professoras do grupo escolar de Passa Tempo.

DIA 8

4) Luiza Nogueira de Mendonça Baeta e Alzira Breyer, de Bicas;

DIA 13

5) Laudelina Pereira, de Bias Fortes, municipio de Barbacena;

6) Hilda Valerio de Freitas, de Cardosos, municipio de Pitanguy;

DIA 14

7) Augusto de Padua Rabello Campos, Flavia da Costa Milogres, Herman Gabriel, Augusto Julio de Moraes Carneiro, Thereza Trifilio da Cruz, Barbara da Cruz, Maria Stella Furtado, Maria das Dôres Pires Leite, director e professores do grupo escolar de Guarará:

DIA 15

8) Alzira Mello, de Barroso, municipio de Tiradentes;

DIA 17

9) Maria de Almeida, Anna Viotti Nogueira de Sá, Etelvina Paiva Azevedo, Helena de Almeida Sobreiro, Maria da Conceição Mello, Emerenciana Ferreira da Silva, Maria José Azevedo, Helena Marques Peres e Anna da Rocha Campos, directora e professoras do grupo escolar de Jacutinga.

DIA 21

10) Nesia Franco, de Padre Gaspar, municipio de Tiradentes;

DIA 26

11) Maria da Silveira, da cidade de Rio Branco;
12) Renata Campos Figueira, de Bias Fortes, municipio de Barbacena;
13) Maria Barbosa Nogueira Cabral, de S. Joaquim da Serra Negra, municipio de Alfenas;

DIA 27

14) Braz Baff, da cidade de Guaxupé;
15) Maria Stella dos Santos, de S. Francisco, municipio de Oliveira.

LIÇÕES DE LINGUA PATRIA

MARIA RITA BURNIER

2.° anno — 1.° semestre

Conversa com os alumnos, reproducção oral de historietas, descripção de gravuras como no primeiro anno:

Trabalhos escriptos baseados nos exercicios oraes: formação de sentenças e sua combinação para compôr historietas, sendo transcriptos no quadro por um ou mais alumnos os melhores trabalhos.

(DO PROGRAMMA DO ENSINO PRIMARIO)

LIÇÃO 1ª

A gravura colorida pregada no quadro negro representa um velho trajado á moda dos nossos roceiros e apparentando, pouco mais ou menos, sessenta annos de idade.

Os olhos claros e mansos têm uma infinita expressão de bondade, que transparece, tambem, no sorriso que lhe illumina o rosto franco, emoldurado por uma aureola de cabellos brancos.

Puxa pela redea um pequeno cavallo escuro, carregado com dois enormes balaios cheios de fructos.

Na extremidade superior de um delles, vê-se um cestinho repleto de flores, podendo-se distinguir rosas, cravos, dahlias, violetas e myosotis.

Descortina-se ao fundo, na gravura, uma pequena serra azulada, que desapparece ao longe, no horizonte.

Professora: — Vão conhecer hoje o tio Joaquim. Eil-o aqui, muito alegre, muito risonho, puxando pela redea o seu cavallinho Rosilho.

Vejam como o velhinho é sympathico com a sua cabeça inteiramente branca e suas barbas alvas de neve! Os olhos azues, meigos, muito meigos, brilham ainda cheios de vivacidade.

E que immensa bondade ha em seu olhar franco e leal!

Apezar de contar sessenta annos de idade, é forte e activo o tio Joaquim.

Mora num pequeno sitio atraz daquella serra que vemos além, a serra da Saudade, e mal o sol desponta, lá está elle a tratar da sua chacara.

Rega d'aqui, planta d'acolá, poda mais adeante, não pára, não sente fadiga, quando se vê azafamado entre as arvores verdejantes do seu lindo pomar.

E tem para isso gosto e arte o bom velhinho: no intervallo das arvores planta flores.

Ao pé das laranjeiras viçosas carregadas de fructos côr de ouro, das copadas mangueiras que vergam os braços ao peso das mangas saborosas e perfumadas, das limeiras abotoadas de fructos, florescem violetas, botões de ouro, myosotis e amores-perfeitos dispostos em pequenos canteiros de fórmas variadas, e, junto a cerca que circumda o pomar, ha um canteiro largo e extenso, onde vicejam rosas, dahlias, cravos, azaléas, margaridas, angelicas e lirios.

Faz gosto ver-se o pomar do tio Joaquim! Que lindas flores! Que fructas deliciosas!

Tio Joaquim não tem familia; consagra toda a sua amizade ao seu cavallinho Rosilho.

E este parece comprehender a immensa affeição do velho; ao receber um agrado, uma caricia, curva a cabeça, encostando-a ao peito do dono.

Aqui vam os dois a caminho da cidade, a vender as fructas. Tio Joaquim leva estas flores para offerecer aos seus bons freguezes.

Dentro de algumas horas, quando regressarem, os balaios estarão vasios, mas a bolsa do velhinho estará recheada de moedas.

Professora: — Quero vêr, agora, qual de vocês saberá contar a historia do tio Joaquim. Falarão todos, mas um de cada vez, respondendo ás perguntas que eu fizer.

NOTA — Si para o exercicio dos tests, que brevemente iniciaremos nestas lições, convem fazer com que o alumno dê respostas breves e rapidas, resumindo sempre, para o ensino da linguagem, propriamente dito, esse methodo não póde ser empregado. E' necessario que o alumno fale tanto quanto possivel. Os solecismos, as expressões defeituosas, os vicios de linguagem serão correctos, á proporção que forem apparecendo. Conversando com os alumnos, provocando-os a emittir idéas, observará o professor os erros peculiares a cada um e procurará corrigil-os.

P. — Como se chama este velhinho? Responda, Lucia.

A. — Chama Joaquim.

P. — Sim, o nome é esse, mas a phrase está muito errada. Quem poderá corrigil-a? *(O professor deve esforçar-se muito no sentido de conseguir que as correcções sejam sempre feitas por um dos alumnos. Fal-as-á elle proprio sómente em ultimo caso).*

A. — Chama-se Joaquim.

P. — Muito bem, chama-se Joaquim. Quando queremos dizer o nome de alguma cousa ou de alguma pessôa, a phrase é sempre assim: elle se chama João; você se chama Lucia; aquelle menino se chama Francisco; eu me chamo Clara; tu te chamas Mario; esta rua chama-se S. Paulo. Vejamos si comprehenderam. Qual é o nome d'esta flôr? *(apontando as rosas da gravura).*

A. — Chama-se rosa.

P. — E este cavallinho, que nome tem?

A. — Chama-se Rosilho.

P. — Isso mesmo. Então este velhinho chama-se Joaquim. *(Indicando o quadro, as carteiras, o mappa, as janellas, etc., continuará o professor a interrogar os alumnos para obter as respostas: chama-se, chamo-me, chamam-se, eu me chamo, etc.)*

P. — Bem, continuemos. Que faz aqui o tio Joaquim? Responda, Carlos.

A. — Puxa pela rédea o seu cavallinho Rosilho.

P. — De que côr são os olhos, o cabello e a barba o tio Joaquim? Você, Lysio.

A. — Tio Joaquim tem a barba e os cabellos brancos.

P. — E os olhos? Que me dizem sobre a côr dos olhos?

A. — Os olhos são azues e meigos.

P. — Foi justamente o que eu disse: os olhos são azues e muito meigos. A palavra meigos quer dizer ternos, expressivos.

E' bem velho o tio Joaquim: sua cabeça e suas barbas são brancas, branquinhas como... como o que, Julio?

A. — Como o algodão.

P. — Lauro.

A. — Como a neve.

P. — Foi por isso que eu disse barbas alvas de neve. *(Falar sobre a neve, sobre o gelo: gelo artificial, sua fabricação e utilidade).* Como eu dizia, o nosso bom amigo é bem velho. Quantos annos terá, Odette?

A. — Tem sessenta annos.

P. — Quer isto dizer que já está fraco, tremulo, não? Que diz, Marietta?

A. — E' velho, mas é forte; trabalha muito.

P. — Agora pensem alguns minutos. Aquelle que eu arguir, dirá o que sabe a respeito do tio Joaquim. *(Signal dos alumnos).*

P. — Fale você, Carlos.

A. — Tio Joaquim mora atraz d'aquella serra. Elle se levanta muito cedo e vae para o quintal tratar do pomar. Elle gosta muito de flôres. Elle não tem parentes.

Elle gosta muito do Rosilho.

P — Repara Carlos, como é deselegante a sua linguagem:

Elle se levanta muito cedo... Elle gosta muito de flôres...

Elle não tem parentes... Repetiu muitas vezes a palavra *elle* e essa repetição é erro e torna a linguagem feia e desagradavel. Fica mais bonito dizer-se:

Tio Joaquim mora atraz daquella serra. Levanta-se muito cedo e vae tratar do seu pomar. Não tem parantes e gosta muito do seu cavallinho Rosilho.

P — Quem mais quer falar sobre o tio Joaquim? *(Signal dos alumnos)* Você Djanira.

A — Tio Joaquim vae na cidade. *(O professor guiará o alumno, indicando-lhe os diversos motivos da gravura. Aqui, por exemplo, apontará os flôres e os fructos. E' claro que o alumno continuará logo a narração).* Vae vender fructos e leva flôres para offerecer aos seus freguezes.

P — E onde vae aos domingos, quando o sino repica alegremente na torre da capellinha?

Vae na egreja

A — Vae na missa

P — E quando está doente, onde irá buscar uma receita que o cure? Você Luiz!

A — Vae no medico

A — Vae no doutor.

P — Temos aqui cinco phrases muito erradas: tres da Djanira e duas do Luiz.

A — Vae na pharmacia

A — Vae na reza

P — Mais phrases erradas. *(Escreve no quadro as phrases erradas).*

Vae na cidade
Vae na egreja
Vae na missa
Vae no medico
Vae no doutor
Vae na pharmacia
Vae na reza

P — Então nenhum de vocês sabe corrigir erros tão graves?

A — Vae á cidade

P — Muito bem, Celina, é isso mesmo. Não se póde dizer: vae na cidade. Até parece que o tio Joaquim anda trepado na cidade! Da mesma fórma erradas são as phrases; vae na egreja; vae na missa; vae no medico: vae no doutor: vae na reza. O direito é assim: vae á egreja: vae á missa; vae ao medico; vae ao doutor: vae á pharmacia.

Comprehenderam? Vejamos:—Onde vae o tio Joaquim em companhia do Rosilho.

A A — Vae á cidade.

P — E aos domingos, quando ouve o alegre som dos sinos?

A A — Vae á egreja! vae á missa! Vae á reza!

P — Quando está doente, onde irá elle buscar um conselho?

A A — Vae ao medico! Vae ao doutor! Vae á pharmacia!

P — Agora, Djanira, vá ao quadro corrigir as phrases erradas. Escreva a phrase correcta á direita da phrase errada.

A — *(Escrevendo)*

Vae na cidade — *Vae á cidade*
Va na egreja — *Vae á Egreja*
Vae no medico — *Vae ao medico*
Vae no doutor — *Vae ao doutor*
Vae na pharmacia — *Vae á Pharmacia*
Vae na reza — *Vae á reza*

P — O mesmo erro commette quem diz: chegar na porta, chegar na janella, chegar no portão. Deve-se dizer: chegar á porta, chegar á janella, chegar ao portão.

Bem. Agora quero compôr a historia do tio Joaquim com phrases formadas por vocês. Prestem toda a attenção. As minhas perguntas serão dirigidas a toda a classe. Quem souber responder, erga a mão direita.

Quem é o tio Joaquim? *(Signal dos alumnos)* Reeponda, Você, João.

P. — Você, Eduardo

A — Tio Joaquim é um bom velhinho, que vive de vender as fructas do seu pomar. *(Aqui o professor depois de conseguir que dois terços da classe respondam, chamará o alumno que houver dado melhor resposta, e mandará que elle a escreva no quadro).*

P — Vá ao quadro, Eduardo, e escreva a resposta que deu.

A — *(escrevendo).*

— Tio Joaquim é um bom velhinho, que vive de vender os fructos do seu pomar.

P. Onde mora o nosso bom amigo? Responda, Celso.

A. Mora muito longe, atraz da serra.

P — Você, Eugenio

A — Mora na serra da Saudade, em um sitio muito bonito, plantado de fructas e de flores.

P — Vá ao quadro, Eugenio, escrever a sua resposta logo abaixo da phrase escripta pelo Eugenio. (O professor dictará a pontuação)

(O alumno escreve).

P — Qual é a familia do tio Joaquim? Você, Carlos.

A — Elle não tem familia.

P — Responda, Mauricio.

A — Tio Joaquim não tem parentes: sua unica familia é o Rosilho, que é um cavallinho muito manso e muito intelligente.

P — Vamos, Mauricio, escreva no quadro a sua resposta, mas não escreva as palavras: tio Joaquim. Comece d'aqui: Não tem parentes.

A — *(escrevendo).*

Não tem parentes; sua unica familia é o rosilho que é um cavallinho muito manso e muito intelligente.

P — Veja lá, Mauricio, todos os cavallos têm esse nome, Rosilho?

A — Não, senhora, todos não.

P. — Então você deve escrever Rosilho com a inicial maiuscula.

Letra inicial é a primeira letra de cada palavra. Si o nome Rosilho pudesse ser dado a todos os cavallos, então, sim, seria escripto com a inicial minuscula.

O nome Carlos, por exemplo, não convem a todos homens; convem, apenas, a alguns, logo o nome Carlos se escreve com a inicial maiuscula. O nome alumno convem a todos os alumnos, logo se escreve com a inicial minuscula. O nome carteira convem a todas as carteiras, logo se escreve com a inicial minuscula.

O nome Brasil não convem a todos os paizes; convem unicamente á nossa grande patria, por conseguinte, se escreve com a inicial maiuscula. Agora escreva: (dictando) Bernardo, menino, Carlos, Rosilho, livro, João.

(O alumno escreve.

Bem, apague essas palavras e continuemos. Em que se occupa o tio Joaquim? Responda, Lygio.

A — Planta arvores e flores.

P — Que especie de arvores?

A — Arvores que dam fructos.

P—Sim, arvores fructiferas. As arvores que dam os fructos que tanto apreciamos, chamam-se arvores fructiferas.

Ainda uma vez: Em que se occupa o tio Joaquim?

Responda, Lucio.

A—O velhinho planta arvores fructiferas e cultiva flores muito lindas e muito perfumadas.

P—Escreva, Lucio, a sua resposta no quadro, abaixo das outras.

(O alumno escreve).

P—Que faz o velhinho das fructas e das flores? Responda, Lygia.

A—Elle vende as fructas.

P—Martha.

A—Elle vende as fructas e leva as flores para os seus freguezes.

P—Alvaro.

A—Vende as laranjas, as limas e as outras fructas e offerece aos seus bons freguezes as rosas, as violetas e os mycosotis.

(O alumno escreve)

P.—Vá escrever no quadro a sua resposta.

P.—São muito amigos, o velhinho e o Rosilho? Responda, Alberto.

A.—Tio Joaquim gosta muito do Rosilho.

P.—Você, Lais.

A.—Tio Joaquim e o Rosilho são muito amigos. Quando tio Joaquim faz um agrado ao Rosilho, o rosilho encosta a cabeça no peito do dono.

P.—Não repita os nomes. Diga assim:—Tio Joaquim e o Rosilho são muito amigos. Quando o velho faz um agrado ao cavallinho, este encosta a cabeça no peito do dono. Venha escrever a sua resposta no quadro. Termine desta fórma: parecendo comprehender e agradecer aquella immensa affeição.

P.—Está completa, e escripta por vocês, a historia dos dois amigos, tio Joaquim e Rosilho; falta apenas o titulo, o nome. Como se chamará a nossa historieta? Todos podem responder.

A.—Historia do tio Joaquim!

A.—Historia do tio Joaquim e do Rosilho!

A.—Historia do velho e do cavallinho!

A.—Historia dos dois amigos!

P.—Estes nomes não me agradam. Vamos chamal-a:

«Tio Joaquim, seu pomar e seu amiguinho Rosilho».

Escreva no alto do quadro, Lauro, o titulo.

O alumno obedece, ficando no quadro o seguinte:

«Tio Joaquim, seu pomar e seu amiguinho Rosilho».

Tio Joaquim é um bom velhinho que vive de vender as fructas de seu pomar.

Mora na serra da Saudade, em um sitio muito bonito, plantado de fructas e de flôres.

Não tem parentes; sua unica familia é o Rosilho, que é um cavallo muito manso e muito intelligente.

O velhinho planta arvores fructiferas e cultiva flôres muito lindas e perfumadas.

Vende as laranjas, as limas e as outras fructas e offerece aos seus bons freguezes as rosas, os violetas e os myosotis.

Tio Joaquim e o Rosilho são muito amigos: Quando o velho faz um agrado ao cavallinho, este encosta a cabeça no peito do dono, parecendo comprehender e agradecer aquella immensa affeição.

P.—Agora vão todos copiar em seus cadernos de classe, e com muito capricho a historia do nosso amigo Joaquim.

Amanhã continuaremos a falar sobre o bom velhinho, suas fructas saborosas e suas flôres viçosas e perfumadas.

Nota—Na primeira lição destinada ao segundo anno, iniciarão os alumnos o estudo do substantivo e do adjectivo, tendo, ainda, como ponto de partida, a historia do velho Joaquim.

UMA LENDA INDIANA

A VINGANÇA DE ANHANYA

UMA corça vivia no seio umbroso e protector da floresta virgem, toda entregue aos cuidados do seu filhote, um meigo e galante veadinho, em cujos olhos, de um negro humido e velludoso, cheios de infinita ternura, ella toda se mirava num assomo de legitimo orgulho e de vaidade maternal.

Viviam tranquillos e contentes, inteiramente entregues á alegria de se pertencerem um ao outro, numa mutua troca de caricias, nem por sombras imaginando, na sua innocencia de bichos, que pudesse alguem um dia brutalmente separal-os. E' que não podiam comprehender de quanto é capaz a incommensuravel maldade do bicho homem.

Um dia, um joven caçador indiano os surprehende nessa doce camaradagem e uma flecha certeira, despida do seu arco possante, vai prostrar por terra, mortalmente ferido, o innocente animalzinho. A corça foge espavorida desapparecendo no recesso da floresta sombria e espessa.

—Espera, que te curo, disse comsigo, referindo-se á corça fugitiva, o selvagem feroz. Disponho de um meio que não falha para obrigar-te a voltar e ter-te aqui, ao alcance da minha flecha. (E emquanto assim pensava, no cerebro embrutecido do selvagem implacavel germinava um plano diabolico, que poz immediatamente em execução). E eil-o a martyrizar o pobre veadinho, insensivel aos seus lamentos lancinantes, capazes de enternecer qualquer coração menos empedermido e mais accessivel á piedade do que o endurecido coração do seu cruel algoz.

Com effeito a pobre mãe não poude resistir por muito tempo aos appellos afflictivos do filho, tão violentamente torturado.

Não tardou, pois, que o selvagem percebesse no matto proximo o rebolço de ramos cruamente agitados, annunciando uma vinda precipitada.

O arco novamente se destente, uma flecha parte, sibilando, e ouve-se no ponto alvejado o baque surdo de um corpo, enchendo de rumores estranhos a floresta.

O joven selvicola precipita-se, radiante, prelibando o seu triumpho, para recuar, porém, logo depois, os cabellos hirtos, livido, transido de horror: Em vez da corça que esperava encontrar achava-se deante do cadavel de uma velha india da tribu e esse velha india... era sua mãe.

Anhanya vingava assim o pobre veadinho punindo severamente o seu implacavel perseguidor.

H.

Nota — Na Mythologia indiana, Anhanya é o Deus da Caça. O notavel indianista Couto de Magalhães attribue a essa lenda um fim pratico, — de impedir a destruição dos animaes da floresta, quando ainda muito novos.

Outro aspecto da exposição de trabalhos dos alumnos do Grupo Rio Branco

AS MENTIRAS INFANTIS

Traducção de JOSÉ ALTIMIRAS

(Continuação)

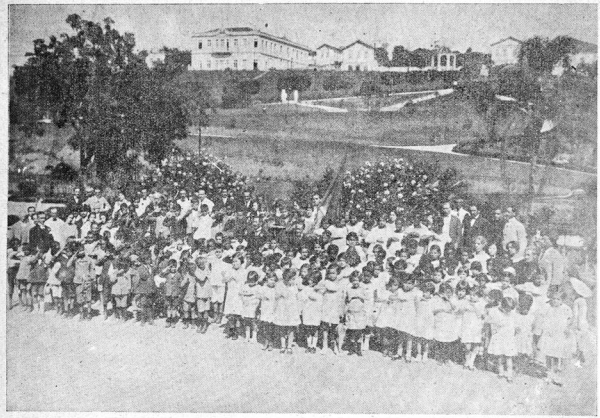
PRATICAS EXPERIMENTAES

OS estudos feitos com o objectivo de indagar das causas que determinam a mentira nas creanças têm sido numerosos e variados.

Entre os investigadores que se incubaram no estudo do assumpto, podemos citar Max Lobsien, W. Stern e W. O' Kosog, cujos trabalhos se enveredaram, principalmente, a comprovar a frequencia dos testemunhos falsos, prole de percepções defeituosas, suggestibilidade e deficiencia de certas funcções mentaes.

M. Buisson estuda a mentira de maneira mais geral e invade o campo da mentira consciente. Como exito de seus experimentos offerece uma classificação que fundamenta, adduzindo causas organicas e de accordo com o ambiente.

G. Stanley Hall, com o arrimo de quatro eximios mestres, faz um aprimorado estudo, e depois



Festa das Arvores, feita pelo Grupo Escolar de Cambuquira, no Parque, aos 21—IX—925

de uma demorada analyse assignala sete categorias de ficções; especificando apoz conselhos particulares e educativos.

M. Luprat propõe engenhosa classificação das mentiras, dividindo-as em affirmativas e negativas. Nas primeiras predomina o elemento imaginativo caracterizado pela invenção, pela fraude e falsidade; a segunda classe abrange as mentiras por habito e *per accidens*.

Nas escolas de Lods (Polonia) o prof. Baumgarten realizou estudos formaes sobre as ficções infantis com o proposito de conhecer-lhes as causas, corrigil-as, envidando meios pedagogicos adequados. Feitas varias provas, resolve consideral-as como questões attinentes mais ao problema social do que á escola.

O aspecto peculiar das mentiras pathologicas foi tratado particularmente por M. Tobie Jonkheere e Demoor em suas notas sobre a psychologia dos retardados. Na conclusão dos trabalhos, estes auctores advertem o perigo que envolve o testemunho de taes individuos.

Miss Cash, em Londres, idéa um interrogatorio para descobrir o conceito da verdade nas creanças. No dito interrogatorio entra em jogo a reflexão para decidir da verdade.

Eis uma forma de assumpto para a experiencia: «Thomaz tinha um tio muito bom que a miudo lhe dava presentes.

Um dia enviou-lhe o tio um quadro, tendo-o achado Thomaz muito feio. Quando vem o tio á tarde, perguntou-lhe: «Que tal é o painel que te hei mandado?» Que terias respondido em logar de Thomaz? Por que?»

Esta prova effectuou-se com 937 creanças das escolas pensionadas.

O resultado foi favoravel á verdade, com referencia aos meninos de 10 annos. A partir desta edade inicia-se uma baixa apreciavel, que continúa até os 12.

Aos 7 annos verifica-se o maximum da mentira, edade essa em que a proporção dos que mentem ascende a 35 %.

Em Habana repetiu-se o experimento, porém, com 100 meninos e o exito attinge differenças consideraveis, porquanto, ao passo que em Londres, a verdade se manifesta dos 7 a 10 annos, em Habana, pelo contrario, ella é de 83 % aos 7 annos, de 61 % aos 10 e de 18 % aos treze.

Empregando o mesmo methodo realizou-se segunda prova, com o fito de descobrir si a diversidade de causa produzia resultados distinctos no tocante ao conceito da verdade no mesmo individuo, e com as 100 creanças reorganizou-se outra pesquiza, conforme o assumpto que segue:

«Um rapaz, jogando a pella, quebrou um vidro fino da casa de uma senhora de má indole.

Esta inquiria depois a cada menino que lhe passava pela porta: «De quem é esta pella?»

O resultado da referida investigação convence de que os motivos que determinam a mentira dependem dos sentimentos predominantes das creanças.

A percentagem nestes caso é de 67 % aos 6 annos, quasi, portanto, analoga á que na primeira experiencia se observou relativamente aos meninos de 10 annos.

GENERALIDADE

Dos estudos realizados podemos inferir que todos os meninos mentem; que a mentira é habito adquirido que se transforma ao léo dos interesses infantis e que taes ficções offerecem formas peculiares e caracteristicas em cada edade e conforme o sexo, dependendo mui especialmente das relações pessoaes dos pequenos e da direcção dos paes e mestres. Póde-se affirmar que a mentira que na infancia nasce do imperio dos instinctos naturaes e da falsa miragem da realidade, desapparece com a experiencia, para mais tarde transfazer-se em mentira social e subtil, que vae se elevando firmemente a partir dos 11 annos até perder-se no periodo da mocidade.

Parece fóra de duvida que quando qualquer creança tenha que decidir entre a verdade e as conveniencias pessoaes escolhe, ás mais das vezes, o lado do menor esforço. Neste caso a verdade afigura-se-lhe uma resolução formal imposta, quer pelo temor ou por effeito de uma direcção vigilante que haja logrado gravar em seu entendimento, de modo decisivo, a aversão ao falso.

Os proprios brinquedos nos mostram que entre elles está sempre em evidencia a restricção da mentira, pois são regulamentados por condições previas, acceitas tacitamente afim de que se tornem possiveis, e a infracção das alludidas condições provoca sempre inimizades e attritos.

Daqui se segue que a mentira nos meninos é como o confidente de seus gostos que lhes ampara a conveniencia, e a verdade, em lucta com as satisfacções naturaes, desempenha o papel de uma auctoridade invisivel a quem obedecem por principio e não por inclinação.

Todas as phases da influencia usam da mentira, accentuando-se mais onde a vontade se manifesta em sua debilidade, pelo que parece de alvitre reforçar esta energia para que se retempere a honrdez de caracter, factor capital de orientação entre o bem e o mal e unico freio para conter a mentira nesses periodos de confiança e de fé.

(Continúa)

Da Revista «El Monitor de la Educacion Común», de Buenos Aires.

PARA DAR UM FREMITO DE VIDA AO AMBIENTE ESCOLAR

DESCRIPÇÃO DE ALGUNS JOGOS INTERESSANTES

CONTINUAMOS a publicar a descripção de alguns interessantes jogos, proprios para os que frequentam as casas de ensino primario:

DECK TENNIS

O campo medirá 12 metros por 6, mas póde tambem ser adoptado ao logar onde se realizar a partida.

Material: 1 argola, 1 rêde, devendo o campo ser traçado. Tomam parte 4 creanças. Tira-se a sorte, para se ver a quem cabe o *saque*.

Dado o signal, a creança encarregada de o fazer, atirará a argola ao campo adversario, do *goal* marcado. Quem a receber deverá jogal-a immediatamente ao partido contrario, só podendo se utilizar de uma das mãos. Si o adversario deixar que a bola caia, perderá 15 pontos e o outro continúa com o saque. Este é feito alternadamente, em cada partido. Os pontos contam-se assim: 15 (1.ª victoria), 30 (com a 2.ª), 40 e 50 — é uma partida ganha. Terá a victoria final quem vencer as 6 partidas.

NOTA. — Quando ambos os partidos já conseguiram 40 pontos, ha o que se chama *deuce*: só vencerá quem conseguir duas victorias successivas.

GRÃOS DE FEIJÃO

Dividem-se os alumnos em 2 grupos ou mais, que ficam de um mesmo lado da sala, perto de cadeiras, nas quaes haverá pires com grãos de feijão. Do lado opposto (2 a 3 metros de distancia), haverá um numero egual de cadeiras com pires vasios em cada uma. Ao signal dado, todos os meninos, com um canudo á bocca, procuram prender á sua extremidade (por aspiração) os grãos (1 a 1) e transportal-os ao pires vasio. O grupo que passar maior numero de grãos no fim do mesmo tempo (3 a 5 minutos), vencerá a partida.

CORRIDA EM CARTEIRAS

Os meninos estão nas carteiras. Cada fila é um partido. Numeram-se. Dado o signal, o n.º 1 de cada partido sae pela direita, vae ao fim da sala, pela direita, volta, toca na mão do 2.º e este, por sua vez faz o mesmo movimento, isto é, sáe pela direita, faz volta e toca na mão do 3.º. Continúa assim, até que todos tenham feito volta pela sala O partido que terminar em primeiro logar será o vencedor. Os partidos podem representar nações, com bandeiras ou ritos. O concurso deve ser feito em filas alternadas, por exemplo entre 1 e 3, 2 e 4, etc.

JOGO DE BALÕES

Verde e amarello.

Os alumnos ficam sentados. Na sala haverá 4 goals, um em cada canto; dos que ficam á frente, será um do partido verde e outro do amarello; os de traz terão á disposição symetrica. Os partidos distribuem-se assim: a 1.ª fila é do Verde, a 2.ª do Amarello, a 3.ª do Verde, a 4.ª do Amarello, etc.

Dado o signal, o professor joga a bola ao centro. Cada «team» procura jogar a bola em seu «goal», conservando os meninos sentados. Os outros procuram desvial-a o mais possivel, para não a deixarem cahir no «goal».

O partido que conseguir maior numero de pontos, vencerá.

BOM DIA

Os meninos formam-se em circulo. Um, ao centro, tem os olhos vendados. Todos põem-se em movimento. Dado o signal, param. Um se aproxima do centro e diz: «Bom dia, F.....!» este, pela voz, deverá reconhecer quem o chamou e responderá: «Bom dia, X!».

Si acertar no nome, passará á roda e dará ao que o cumprimentou o lenço que lhe vendava os olhos.

ZIG-ZIG

Formam-se 4 filas com os alumnos; estes se numeram assim: de um lado ficam os pares e, do outro, os impares. A' frente de cada partido haverá um cesto, um para cada. Dado o signal, o numero 1 passa a bola ao 2, este ao 3, ao 4, etc. O ultimo levará a bola ao cesto. O que o fizer em primeiro logar, fará 2 pontos. O partido que conseguir 10 pontos será feito, a principio, de vagar, sendo precisos 2 fiscaes, um para cada partido. Tambem joga-se com saccos de feijão.

1 2
3 4
5 6
7 8
9 10

REINOS DA NATUREZA

As creanças sentam-se em circulo. Ha um lenço: este é atirado para alguma que, ao recebel-o, antes da que o atirou contar até 10, dirá o nome de um mineral, vegetal ou animal, conforme a ordem que recebeu.

Assim continúa...

NOTA: — Podem ser escolhidos nomes de Estados, capitaes, cidades, etc., para desenvolvimento do ensino da Geographia.

A pessoa que não responde direito póde pagar prenda.

RELAY

As creanças formam-se em 2 filas. Dado o signal, as duas primeiras, por cima da cabeça, passam a bola aos outros. As duas ultimas recebem-nas, chegam á frente e passam aos outros, por entre as pernas a bola que receberam.

Assim continúa. A fila que terminar primeiro, vencerá. Cada creança, na fileira, deve receber a bola, quando está passando por cima da cabeça.

ESTATUA

Formam-se todas as creanças ao fundo do pateo, excepto uma. Esta ficará á frente, de costas e dirá aos outros: Posso ir?

Quantos passos? As outras responderão: 10!

O da frente contará: 1, 2, 3... 10.

A' hora em que disser 10, todos são obrigados a ficar na posição em que estiverem. Si alguem sahir desta posição, precisa recomeçar.

Emquanto se contam os numeros todos procuram ir á extremidade do campo, devendo, porém, parar immediatamedte, ao ouvirem a palavra *dez*.

A ultima a chegar será a pessoa na frente.

CENTER STRIDE BALL

Forma-se um circulo de modo que todos tenham as pernas separadas, porém, os pés tocando uns aos outros, para terem firmeza. Um, ao centro atira a bola para passar entre as pernas dos outros, o que cada um impede com as mãos. O que deixar a bola sahir do circulo, passará ao centro.

CENTER CATCH BALL

As creanças formam-se em circulo, devendo uma ficar ao centro. Dado o signal, umas atiram a bola ás outras, devendo, a que está no centro, procurar pegal-a. Si o conseguir, passará á roda. A que atirou mal a bola, passará ao centro. A distancia entre os jogadores deve ser de um metro ou mais.

Collocam-se as creanças nos diversos cantos da sala ou junto aos troncos das arvores do pateo. Uma, ao centro, tem á mão uma bola. Dado o signal, as que estão do lado de fóra, procuram trocar seus logares. O que está ao centro faz o possivel para lhes jogar a bola. Aquelle em que elle acertar passará ao centro.

Assim continúa...

Formam-se as creanças em circulo. Numeram-se. Dado o signal, uma, ao centro, atira a bola ao chão, chamando por um numero; este recebe a bola e diz: Alto! A esta hora, todos que fugiam são obrigados a parar. O que apanhar a bola, atira-a aos fugitivos, procurando acertar. Si tocar em algum, este passará ao centro e recomeçará o jogo. Si não, a pessoa cujo numero foi chamado, passará ao centro e recomeçará o jogo.

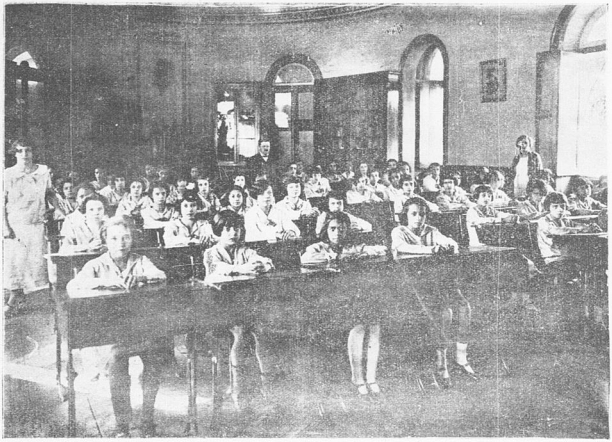
JACOB E RACHEL

Os meninos formam-se em circulo. Dois, ao centro (Jacob e Rachel) têm os olhos vedados. Dado o signal, Jacob diz: Rachel? Ella responderá: Hein? Jacob procura, então, approximar-se de Rachel, guiando-se pelo ouvido. Continuará chamal-a até conseguir prendel-a. Si o conseguir, invertem-se os papeis, isto é, Rachel passará a chamar Jacob, até prendel-o ou quando elle conseguir, Rachel torna-se Jacob e outra Rachel é escolhida.

JOGOS QUIETOS

As creanças formam-se em circulo, constituindo dois partidos, intercalados um no outro. Cada partido tem seu capacete de cor differente. Dado o signal, umas atiram a bola ás outras, por ordem. A creança que deixar cahir a bola, perderá um ponto para seu partido. Assim continúa.

NOTA: Depois de exercitados, póde ser empregado maior dumero de bolas.



Aula do Curso Fundamental da Escola Normal Modelo

A ORGANIZAÇÃO DOS MUSEUS ESCOLARES

Para que haja uniformidade na organização dos museus escolares, que se vão diffundindo por todo o Estado, publicamos hoje um plano de organização desses museus.

A Secretaria do Interior recommenda-o aos directores e professores, que nelle encontram um paradigma na formação dos excellentes apparelhos em boa hora introduzidos nas nossas casas de ensino.

E' o seguinte esse modelo a que nos referimos:

MUSEU ESCOLAR

Plano de sua organização

I. Leitura, escripta e lingua patria
1. Cartões com palavras e syllabas, letras recortadas em papel ou cartolina.
2. Modelos de escripta, perpendicular e inclinada.
3. Gravuras suggestivas para exercicios de elocução.

II. Arithmetica, geometria e desenho
4. Carta de Parker.
5. Contador mecanico.
6. Balança com uma collecção de pesos.
7. Metro de uma peça, metro articulado, fita metrica.
8. Metro quadrado, metro cubico.
9. Trena, corrente metrica.
10. Litro, meio litro, decilitro, centilitro, millilitro; quarta.
11. Mappa de systema metrico.
12. Nivel e prumo.
13. Relogio escolar.
14. Collecção de moedas.
15. Mappa geometrico.
16. Solidos geometricos.
17. Transferidor, esquadro e compasso grande.
18. Estojo completo de desenho.

III. Geographia e historia
19. Taboleiro de areia.
20. Planta e photographias do predio escolar.
21. Planta da localidade escolar e vistas da mesma.
22. Mappas e vistas do municipio da escola.
23. Productos naturaes e industriaes do referido municipio.
24. Mappa do Estado de Minas.
25. Vistas de Bello Horizonte e de outras cidades mineiras.
26. Mappa do Brasil.
27. Vistas da Capital Federal e das capitaes dos Estados.
28. Mappas da America do Sul e da America do Norte.
29. Vistas das principaes cidades da America.
30. Mappas da Europa, da Asia, da Africa e da Oceania.
31. Vistas das principaes cidades do mundo.
32. Mappa-mundi, planisphario e panorama geographico.
33. Globo geographico.
34. Bussola.

35. Desenhos ou miniaturas de meios de transporte: cavallo, carros, bicycleta, motocycleta, bonde, estrada de ferro, automovel; canôa, barco, navio, submarino, aeroplano.
36. Objectos historicos da séde escolar.
37. Retratos dos bemfeitores da mesma.
38. Armas e utensilios dos indios.
39. Collecção de mappas historicos do Brasil.
40. Retratos de Pedro Alvares Cabral, Thomé de Souza, Mem de Sá, D. João VI e outros vultos do periodo colonial.
41. Idem, da familia imperial: D. Pedro I, D. Pedro II D. Izabel, etc.
42. Idem, dos membros do governo provisorio.
43. Idem, dos presidentes da Republica.
44. Idem, dos presidentes do Estado de Minas.
45. Idem, de brasileiros benemeritos.
46. Idem, de extrangeiros notaveis.
47. Copias de quadros historicos, como «Descobrimento do Brasil», de Aurelio Figueiredo; «Primeira Missa», de Victor Meirelles; «Os bandeirantes», de Bernardelli; «Grito do Ypiranga», de Pedro Americo; «15 de Novembro», de Belmiro de Almeida; etc.

IV. Reino animal
48. Esqueleto de mammifero pequeno.
49. Couros, pêllo, crina, cerdas.
50. Ossos soltos, dentes, chifres, conchas.
51. Escamas, pennas.
52. Ovos e bicos de algumas aves.
53. Esqueletos de outros vertebrados.
54. Objectos fabricados de productos animaes, como botões, pentes, velas, etc.
55. Abelha, colmeia, mel, cêra.
56. Bicho da seda e seus productos.
57. Pequenas collecções de insectos.
58. Ninhos, casa de João de Barro, caixa de maribondo, etc.
59. Quadros de anatomia humana.
60. Quadros da classificação dos animaes.

V. Reino vegetal
61. Folhas e flores em herbario.
62. Collecção de sementes.
63. Amostras de madeiras.
64. Algodão, linho e canhamo, fios e tecidos.
65. Trigo, qualidades, espiga, farinha, pão, massas.
66. Milho, qualidades, espiga, sabugo, farinha, fubá, farello; maizena.
67. Feijão, variedades.
68. Arroz beneficiado e em casca, farinha, fubá.
69. Mandioca e seus productos.
70. Canna e beterraba, seus productos.
71. Café, em côco, beneficiado, torrado, moido, amostras das diversas qualidades e typos.
72. Chá, herva matte e cacau.
73. Uva e seus productos.
74. Oliveira, azeitona, azeite doce.
75. Côco da Bahia.
76. Cravo da India, canella, herva doce, noz-moscada e baunilha.
77. Mamona e oleo de ricino, guaraná, ipécacuanha, jaborandy, salsa-parrilha, sabugueiro e quina.
78. Borracha, suas applicações.
79. Guta-percha, gomma arabica.
80. Incenso, benjoim e camphora.
81. Anil, caparosa, campeche, açafrão.
82. Junco, vime, piassava, taquara e bambú, suas applicações.
83. Fumo e seus productos.
84. Carnaubeira, farinha, cêra, folhas, etc.
85. Bananeira, folhas, flores, fructas, farinha, etc.
86. Castanha do Pará.
87. Pinheiro, fructo, farinha, resina.
88. Sobreiro, cortiça, rolhas.

VI. Reino mineral
89. Granito.
90. Marmore.
91. Argila, telhas, tijolo.
92. Cal e areia.
93. Ocre, gesso, cimento.
94. Carvão de pedra e seus productos.
95. Petroleo, gazolina, vaselina.
96. Sal.
97. Potassa, sabão, soda.
98. Graphite, lapis.
99. Ardosia.
100. Salitre, enxofre.
101. Ferro, aço e manganez, minerios e productos.
102. Cobre, zinco, chumbo, estanho, folha de Flandres, seus productos.
103. Ouro, prata, platina, aluminio, nickel.
104. Mercurio.
105. Imitações de pedras preciosas.
106. Objectos de louça, porcelana, vidro e crystal.
107. Ladrilhos, azulejos, mosaicos, telhas de asbestos.
108. Aguas das estancias hydro-mineraes de Minas.

VII. Physica
109. Alavanca.
110. Barometro.
111. Sipião.
112. Manometro.
113. Bomba aspirante-premente.
114. Thermometro.
115. Alambique.
116. Lente.
117. Disco de Newton.
118. Corneta acustica.
119. Iman.
120. Pilha electrica e pequenas lampadas para experiencia.

VIII. Hygiene
121. Cartões contendo preceitos de hygiene.
122. Quadro dos deveres hygienicos do alumno.
123. Idem, sobre o cuidado dos dentes.
124. Idem, sobre o exame da vista.
125. Quadros sobre o valor nutritivo dos alimentos.
126. Quadros sobre o valor nutritivo em casos de acidente.
127. Idem, sobre transmissão de molestias pelas moscas e mosquitos.
128. Amostras de filtros para agua.
129. Desinfectantes mais usados.
130. Vistas do Instituto "Oswaldo Cruz", e de outros estabelecimentos congeneres.

IX. Trabalhos manuaes
131. Modelos de dobramento, corte e recorte de papel.
132. Tecidos de papel e de fibras.
133. Trabalhos de cartonagem.
134. Collecção de nós e laçadas.
135. Idem, de trabalhos de arame.
136. Idem, de trabalhos de modelagem.
137. Amostras de adubos chimicos para horta.
138. Ferramentas e machinas de lavoura, em miniatura ou em gravura.

X. Educação moral e civica.
139. Quadro dos deveres do alumno.
140. Bandeira Nacional.
141. Bandeiras de nações extrangeiras.
142. Armas da Republica.
143. Armas do Estado de Minas.
144. Cartões de instrucção moral e civica.
145. Retratos dos grandes educadores: Pestalozzi, Herbart, Fröbel, Horacio Mann, Spencer, Sarmento, Montessori, C. Wagner, etc.

XI. Exercicios physicos
146. Quadros das posições correctas e incorrectas de gymnastica.
147. Collecção de halteres.
148. Utensilios para "volley-ball" e outros jogos.

XII. Canto
149. Hymnario Escolar.
150. Diapasão.
151. Retrato de Francisco Manoel da Silva, auctor do Hymno Nacional.
152. Retratos de Carlos Gomes e de outros compositores brasileiros.
153. Idem, de compositores extrangeiros notaveis.